



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

**ELLEN LAYANNA DE LIMA**

**O LETRAMENTO RELIGIOSO E SEUS IMPACTOS NA  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2017**

**ELLEN LAYANNA DE LIMA**

**O LETRAMENTO RELIGIOSO E SEUS IMPACTOS NA  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Trabalho de Conclusão Curso  
apresentado ao Curso Especialização em  
Ensino de Língua Portuguesa para a  
Educação Básica do Centro de  
Humanidades da Universidade Federal  
de Campina Grande, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Especialista.**

**Orientadora: Professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2017**



L7321 Lima, Ellen Layanna de.  
O letramento religioso e seus impactos na  
aprendizagem de língua portuguesa. / Ellen Layanna de  
Lima. - 2017.

75 f.

Orientadora: Professora Dra. Maria Auxiliadora  
Bezerra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) -  
Universidade Federal de Campina Grande; Centro de  
Humanidades; Curso de Especialização em Ensino de  
Língua Portuguesa para a Educação Básica.

1. Letramento religioso. 2. Escrita. 3. Educação  
básica. 4. Letramento escolar. 5. Ensino de língua  
portuguesa. 6. Religiosidade e letramento. 7. Prática  
religiosa cristã e desempenho escolar. 8. Linguística  
aplicada. 9. Intertextualidade. 10. Argumentação. 11.  
Ortografia. I. Título. II. Bezerra, Maria Auxiliadora.

CDU: 811.134.3:37(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**ELLEN LAYANNA DE LIMA**

**O LETRAMENTO RELIGIOSO E SEUS IMPACTOS NA  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Trabalho de Conclusão Curso  
apresentado ao Curso Especialização em  
Ensino de Língua Portuguesa para a  
Educação Básica do Centro de  
Humanidades da Universidade Federal  
de Campina Grande, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Especialista.**

**BANCA EXAMINADORA:**

**Professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra  
Orientadora – UAL/CH/UFCG**

**Professor Dr. Edmilson Luiz Rafael  
Examinador – UAL/CH/UFCG**

**Professora Dra. Marcia Candeia Rodrigues  
Examinador – UAL/CH/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 25 de abril de 2017.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**A Deus e ao(s) meu(s) futuro(s) filho(s); meu esposo Elnathan; e meus pais, Edna e  
Lindomar, como símbolo de meu amor por vocês,  
dedico.**

## AGRADECIMENTOS

Minha admiração pelos escritos de João Cabral de Melo Neto me acompanha desde o dia em que me apresentaram a ele, e gostaria de citá-lo nestes agradecimentos. Vou transcrever uma parte do seu célebre livro, que não canso de ler, “Morte e vida Severina”. Esse livro parece contar um pouco de minha história e de minha família, é uma narrativa sofrida, mas me sinto por ela representada, sendo nordestina e me colocando como uma retirante quando o objetivo é pesquisar e aprender algo novo. Decido então iniciar estes agradecimentos com este trecho:

*"...E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina."*

*(Morte e Vida Severina)  
João Cabral de Melo Neto*

Assim como se expressou João Cabral também considero que não há nada melhor que o espetáculo da vida, que nos sacode de um lugar para o outro, nos traz surpresas escondidas atrás de cortinas, emoções, sensações. Digo isto, porque a conclusão deste curso traduz a ideia que a vida nos surpreende. Vejam só! uma “forasteira”, formada em história ser selecionada em uma classificação na área de Letras português e conseguir chegar ao final do curso sem ter o prévio aprofundamento na área, fato que todos colegas possuíam, por já serem formados ou estarem cursando a graduação. Enfim, foram muitos os desafios em pisar em território alheio, mas procurei superá-los da melhor forma, por isso o melhor momento é este: Agradecer. Agradeço principalmente porque nada se faz sozinho, há toda uma teia de relações que tornou possível alcançar este alvo. Como mostrou o filme “colcha de retalhos” a beleza reside

no fazer junto, no coletivo, na união e vou expressar alguns laços dourados que me ajudaram a costurar a passagem por esta especialização.

Comparo esta pesquisa com um processo de gestação. Gestei este trabalho, com leituras, indagações, dúvidas, pesquisas e isto tudo culminou no projeto o qual daria suporte ao processo de parto. Nasceu assim este texto em meio a renúncias, devaneios, noites em claro, papéis, livros, computadores, ambientes de pesquisa, reflexões, dúvidas, mas como toda experiência, isto me rendeu o aprendizado que é um fruto valioso e intransferível, que levarei para toda vida e principalmente para minhas futuras salas de aula.

Quando o objetivo é agradecer, remeto imediatamente ao mestre, a força primeira, ao criador. Sou grata a ele pelo privilégio da existência e por me mover em momentos de estagnação e descrença que ameaçaram a conclusão deste curso de especialização na área de Letras Português. Depois das experiências que tive estou bem certa de que a fé e a confiança em Deus podem nos levar ao pódio da vida. Sou grata também aos meus queridos pais que são mais que amigos e conselheiros, com quem estou sempre em débito, muito obrigada pela confiança que depositaram em mim e pelos sorrisos orgulhosos que tenho recebido no decorrer desses anos. Gostaria de dizer que vocês, Edna e Lindomar, são grandes participantes de minhas conquistas e contribuíram imensuravelmente para minha formação enquanto ser humano e profissional.

Agradeço a meu esposo Elnathan Egito por desde o ato da inscrição na seleção do curso apostar na minha capacidade intelectual de modo a me dizer sorrindo, enquanto estudava para prova classificatória “Você vai passar, Ellen” e ainda lembro que nesse momento meus olhos brilharam diante da possibilidade de cursar uma pós-graduação de qualidade e gratuita, como também diante da confiança que ele transpareceu através de suas palavras. Obrigada por ter aberto mão de nossos passeios semanais, das sessões de filme com pipoca, de viagens e de minha atenção por diversas vezes, em nome da conclusão deste curso.

Além destas pessoas, pela fé que é “a certeza daquilo que não vemos, mas mesmo assim cremos”, gostaria de dedicar todos os esforços aqui empreendidos a minha descendência, meus futuros filhos. Desejo que, ao olharem para esse trabalho, consigam alcançar grandes lições tendo consciência de zelar pela materialidade deste,

percebendo que nosso esforço nunca é/será em vão. Que esta obra inspire a meus sucessores a seguir carreira nos estudos e nunca desistirem de seus propósitos independentemente de qualquer obstáculo que venha surgir, pois digo que eles são naturais e tornam nossas vitórias mais saborosas.

Não poderia me esquecer de minha irmã Élide que muito se orgulha de mim. Sou grata pela compreensão, admiração e pela disponibilidade de conversar no momento em que tudo que mais queria era descontraír! Agradeço também a meus sogros pelo apoio, pelas orações e compreensão de sempre, vocês são um presente lindo que Deus colocou no meu caminho. Também agradeço a minha cunhada Sara pela atenção de sempre.

Neste curso de especialização não posso me esquecer de citar minha querida amiga Rose que me cedeu muitas caronas no sentido UFCG/Queimadas, como também Aline Guedes (outra!) que fez renascer em mim o significado de uma amizade de fato e compartilha comigo sempre seus anseios, percursos de pesquisa, suas emoções, sou muito grata a Deus, pois sua amizade para mim é uma das poucas que considero como verdadeira. Além delas cito outras meninas pelas quais tenho um grande e sincero carinho: Vilma, Monalisa, Daniele, Luciana, Delane, Amanda, enfim, vocês compartilharam comigo um objetivo, mas não somente, também conseguiram dar vazão ao lado amigo e solidário que vocês possuem. Foi ótimo conhecê-las! Sou imensamente grata a Deus pela oportunidade de conviver e de aprender um pouco com cada uma de vocês.

A professora de Letras Maria Auxiliadora Bezerra, minha orientadora, que me ensinou a partir de suas aulas dinâmicas e extremamente didáticas, a ver a escola de modo diferente e sensível. Além de ter me trazido um conhecimento novo (pois não tenho formação em letras, nem em pedagogia), a senhora me deu exemplo através dos seus mais de 40 anos de sala de aula. Sua história de vida e sua aptidão demonstram que estudar faz bem, nos traz o bem e que vale a pena persistir. Obrigada, pois a senhora nunca desacreditou de mim, nem de minhas ideias, lutando comigo para defender o tema dessa pesquisa que, por não privilegiar o ensino, mas a aprendizagem, sofreu ameaça de ser negada pelo colegiado.

Aos componentes de minha banca avaliadora: professor doutor Edmilson Luiz Rafael e professora doutora Marcia Candeia Rodrigues. A vocês direciono não apenas



agradecimentos, mas respeito e admiração por fazerem parte da classe de docentes deste departamento e, como tais, também serem responsáveis pelo levantamento da bandeira da educação como meio de alcançarmos uma sociedade mais justa e igualitária. Devo afirmar que todos os mestres que se fizeram presentes em meu percurso enquanto aluna nutriram meu desejo de ser professora.

Fora das salas de aula pude contar com Francicleide e Roberta, colegas que sempre encontrei no PIATI (Programa Interdisciplinar de Apoio a Terceira Idade). Elas me traziam sempre uma conversa agradável pelas minhas manhãs enfadonhas e me incentivavam, talvez mesmo sem perceber, a continuar lutando.

Ao sujeito desta pesquisa, um jovem estudioso, cheio de curiosidades e com um longo percurso a ser trilhado. Agradeço sua disponibilidade e também por ter atendido com paciência minhas solicitações.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para que esse momento existisse e gostaria de dizer que, embora este estudo anseie em dar respostas, este não foi o principal combustível que movimentou esta pesquisa. Alimentei-me muito mais da expectativa de que a leitura deste texto monográfico fizesse brotar a elaboração de novas perguntas e de outros corpora textuais, pensando assim, em concordância com a frase: “Não são as respostas que movem o mundo, mas as perguntas”. Ao concluir estes agradecimentos, que externam uma pequena parte de minhas emoções, remeto imediatamente à frase de Fernando Pessoa “Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importância, pois nada tem importância. Faço paisagens com o que sinto.”

Muito obrigada a todos!

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

PAULO FREIRE (2002)

**RESUMO**

Esta pesquisa nasceu a partir da leitura do texto “A cultura escrita no Brasil modos e condições de inserção” dos autores Batista e Massagão, por meio do qual percebemos que a religião é um dos principais meios que impulsionam as práticas de letramento da população. Aliado a isso, visitas à igreja de confissão protestante nos fizeram perceber a incorporação funcional das capacidades a que conduz o aprender a ler e escrever. Através deste cenário e de nossos estudos no curso de especialização em ensino de Língua Portuguesa (LP) emergiu a seguinte questão: Quais os impactos do letramento religioso (BATISTA e MASSAGÃO 2004, BAKTIN, JUNG e SEMECHECHEM 2009, MORTATTI 2008) na aprendizagem de LP? O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre a prática religiosa cotidiana e o desempenho escolar de um aluno na aprendizagem de Língua Portuguesa. Como as motivações que regem a presença de fiéis, a frequência e assiduidade na escola e na igreja podem variar de pessoa para pessoa, enquadrámos esta pesquisa no paradigma qualitativo, com características de microanálise, optando por realizar um estudo de caso que buscou perceber a partir dos textos escritos de um determinado aluno, como o letramento religioso influencia no letramento escolar (STREET, SOARES 1998, BRITO 2007, MEY 2001), inclusive naquilo que tange as atividades escritas sugeridas pelo professor durante as aulas de LP. Esta investigação enquadrou-se na perspectiva da Linguística Aplicada, contando com observações da cultura letrada no ambiente religioso e com a análise de atividades escritas realizadas pelo aluno em sala de aula, focalizando em aspectos linguísticos como: ortografia, intertextualidade e argumentação. Disso resultou a conclusão de que o letramento religioso influencia no aprendizado de LP e contribui para pensarmos o aluno como um sujeito que tem diversas redes e relações sociais e religiosas com as quais está conectado e isto reflete em seu desenvolvimento nas atividades de escrita.

Palavras chave: Letramentos. Letramento escolar. Letramento Religioso. Escrita. Língua Portuguesa

## **RÉSUMÉ**

Cette recherche est née de la lecture du texte "*A cultura escrita no Brasil modos e condições de inserção*" (La culture écrite au Brésil, moyens et conditions d'insertion), des auteurs Batista et Massagão, par laquelle nous voyons que la religion est l'un des moyens majeurs des pratiques d'alphabétisation de la population. En outre, après des visites à des églises protestantes nous nous sommes rendus compte de l'incorporation fonctionnelle des capacités auxquelles l'apprentissage de la lecture et de l'écrite conduit. A partir de ce scénario et de nos études au Cours de Spécialisation en Enseignement de la Langue Portugaise (LP), la question suivante a émergé : Quels sont les impacts de l'alphabétisation religieuse (BATISTA et MASSAGÃO 2004, BAKTIN, JUNG et SEMECHECHEM 2009, MORTATTI 2008) sur l'apprentissage de la LP ? L'objectif de cette étude a été d'analyser la relation entre la pratique religieuse quotidienne et la performance scolaire d'un élève en apprentissage de la Langue Portugaise. Considérant que les motivations qui régissent la présence des fidèles, leur fréquence et assiduité à l'école comme à l'église peuvent varier selon l'individu, nous avons encadré cette recherche dans le paradigme qualitatif, avec des caractéristiques d'une micro-analyse. Nous avons opté pour la réalisation d'une étude de cas qui a cherché à découvrir, à partir des productions écrites d'un élève donné, comment l'alphabétisation religieuse a de l'influence sur l'alphabétisation scolaire (STREET, SOARES 1998, BRITO 2007, MEY 2001), y compris, dans tout ce qui concerne les activités d'écriture suggérées par le professeur de LP. Cette recherche s'encadre dans la perspective de la Linguistique Appliquée, comprenant des observations de la culture écrite de l'environnement religieux et l'analyse des activités d'écriture réalisées par ledit élève en salle de classe, tout en mettant l'accent sur des aspects linguistiques tels que : l'orthographe, l'intertextualité et l'argumentation. Cela a amené à la conclusion que l'alphabétisation religieuse a de l'influence sur l'apprentissage de la LP et nous a aussi fait voir l'élève en tant qu'un sujet avec plusieurs réseaux de relations sociales et religieuses, auxquels il est connecté, et qui sont reflétés dans le développement de ses activités d'écriture.

Mots-clés : Alphabétisation. Alphabétisation scolaire. Alphabétisation Religieuse. Écriture. Langue Portugaise.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I – METODOLOGIA.....	17
1.1 Do tipo de pesquisa.....	17
1.2 Da coleta de dados.....	19
1.3 Dos Instrumentos de coleta de dados.....	20
1.4 Sujeito da pesquisa.....	22
Quadro 1 – Características dos letramentos do sujeito da pesquisa.....	23
CAPÍTULO II – LETRAMENTOS.....	25
2.1 Conceitos de letramento.....	26
2.2 Letramento escolar.....	28
2.3 Letramento religioso.....	31
2.5 Gêneros textuais no ambiente religioso.....	34
Quadro 2 – Gêneros textuais da dimensão religiosa.....	36
2.6 O livro sagrado e as relações de leitura e escrita.....	37
2.7 A intertextualidade e suas características.....	40
2.8 Argumentação.....	42
2.9 Vocabulário.....	43
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS.....	47
3.1 Escrita na igreja e na escola.....	47
3.2 Vocabulário.....	49
3.3 Argumentação.....	52
3.4 Intertextualidade.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS.....	64

## INTRODUÇÃO

Cada sociedade e época têm modos de representar os significados de ler e escrever, o que faz do letramento uma categoria ampla, associada a fatores como: tempo, identidades, contextos sociais e culturais, religiosidade, status social, ideologias dentre outras. Nesta perspectiva, este trabalho busca desvendar, a partir da análise de práticas de escrita existentes em dois contextos, que são o âmbito escolar e o religioso, a existência da influência do letramento religioso na aprendizagem de Língua Portuguesa. Compreendemos que historicamente a religião cristã no mundo ocidental funcionou como uma influenciadora no processo de letramento das pessoas e isto não ficou congelado no passado, mas se traduz no presente com novas roupagens e especificidades que facilitam o desenvolvimento do vocabulário, da escrita e a aprendizagem das pessoas.

Nesta direção, interessou-nos analisar, a partir de um estudo de caso, que contribuições as leituras e práticas letradas empreendidas em meio religioso trazem para o aluno, de modo a subsidiá-lo em atividades escolares na disciplina de Língua Portuguesa. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a relação entre a prática religiosa cotidiana e o desempenho escolar de um aluno na aprendizagem de Língua Portuguesa e os específicos são (1) identificar em textos escritos pelo aluno marcas linguísticas que demonstram a influência de princípios religiosos; e (2) analisar a habilidade argumentativa do aluno em seus textos.

A igreja a qual o sujeito da pesquisa frequenta é de confissão protestante pertencente à denominação “Igreja Congregacional de Queimadas”. O interesse pelo trabalho surgiu a partir da leitura do artigo de Batista e Massagão (2004) intitulado: *A cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção*. Neste os autores apontam com base em dados obtidos pelo INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) que acervos presentes nas residências dos brasileiros também revelam o papel destacado da esfera religiosa na popularização do acesso ao texto impresso.

O estudo que realizamos restringe-se a um recorte específico da realidade e não ambiciona trazer concepções deterministas sobre o desenvolvimento do aluno atrelado à religião. A religião é um traço presente dentro do meio escolar, embora de maneira implícita, e não podemos deixar de considerar suas influências sobre o comportamento dos aprendizes que a seguem e suas formas de leitura e escrita.

Neste sentido, considerações acerca da religião protestante como facilitadora do aprendizado textual estudado na escola, em especial na área de LP, devem ser feitas com muito cuidado, análise teórica e, sobretudo, imparcialidade, pois cada caso é único, específico e singular.

A opção pela religião protestante deu-se em virtude do fato de que as práticas de leitura e apreensão de textos bíblicos ou religiosos estão relacionadas ao fortalecimento da vertente religiosa e são um condicionante para a participação ativa no meio religioso. Através, principalmente, das oportunidades concedidas, que são os momentos de fala dos fiéis durante o culto, é possível perceber a partir da oralidade a preocupação de muitos com a organização textual e com a leitura da bíblia que, nesse momento obedece ao critério de inserção do indivíduo no meio. Nesse espaço, há determinados textos e comportamentos necessários para a ampliação e o reconhecimento da prática devocional. Silenciar a influência deste ambiente na aprendizagem de LP é negar esta cultura, bem como, grande parte da vida do aluno que participa dessas práticas.

A importância de nós, professores, refletirmos sobre o letramento enquanto prática social reside no fato de entender nossos alunos enquanto seres participantes de um meio urbano/rural que abrange práticas de leitura, escrita e oralidade e a partir deste reconhecimento ampliarmos as margens de ensino de leitura e escrita, de forma a contribuir com o aprimoramento de nossos planos de aula.

ceitando e defendendo a ideia de que práticas de letramento extraescolares são pertinentes na construção e no aprimoramento de habilidades em LP dividimos nosso trabalho em três momentos que compreendem, além desta introdução, o percurso metodológico adotado (tipo de pesquisa, perfil do sujeito escolhido, coleta e geração de dados); o capítulo teórico em que apresentamos princípios relativos a letramentos (escolar e religioso), gêneros textuais no ambiente religioso e a vocabulário, argumentação e intertextualidade; o capítulo de análise de dados em que analisamos

textos escritos pelo aluno, buscando identificar a influência do letramento religioso na sua escrita; e por fim as considerações finais a que chegamos.



## CAPÍTULO I—METODOLOGIA

Neste capítulo buscamos traçar um panorama acerca das ferramentas e procedimentos utilizados para realização da pesquisa. Vale ressaltar que os procedimentos de coleta e de geração de dados são essenciais para análise e conclusão de uma pesquisa e os suportes teóricos e metodológicos agora apresentados nos conduziram às conclusões apresentadas posteriormente.

### *1.1 Do tipo de pesquisa*

Há uma distância se pensarmos no tratamento do sistema escrito na sala de aula e no ambiente social. Concordamos com Silva e Araújo (2012) quando pontuam que a escrita na esfera escolar gira em torno de interpretar e escrever textos abstratos, descontextualizados, é diferente da escrita em situações sociais comunicativas, pois estes textos possuem um objetivo e um contexto. Com base nestes e em outros estudos sobre escrita e práticas de letramento, refletiremos sobre como o letramento religioso impacta no desenvolvimento da aprendizagem de LP. O que dará o tom da pesquisa serão as características de microanálise que é “a análise detalhada linha por linha, necessária no começo de um estudo para gerar categorias iniciais [...] e seguir relações entre categorias.” (STRAUSS e CORBIN, 2006, p.65).

Neste contexto, a pesquisa aqui empreendida se baseia em um estudo de caso e, por conseguinte, é de natureza qualitativa. Este estudo defende a ideia de que os acontecimentos e o próprio ser humano conservam sempre características muito pessoais ou particulares cujo destaque aumenta a compreensão e nos permite penetrar em aspectos que passariam despercebidos em uma análise mais geral. Neste sentido concordamos com LAVILLE(1999, p.156):

Assim, o psicólogo que explora a fobia aos cães de que sofre um paciente o interroga sobre seu passado, seu ambiente, sobre as pessoas que lhe teriam transmitido esse medo irracional. Tornam explícitos, assim, acontecimentos e influências particulares concernentes a essa pessoa e a ajuda a melhor compreender a si mesma, o que não é um mau serviço a lhe prestar.

Desta forma a análise microscópica nos dá a segurança de que ampliaremos nossas possibilidades de aprofundamento sobre o tema, pois nossa atenção

e recursos estarão centrados em um dado, em um caso específico. A partir deste aprofundamento e com o exame e interpretação dos dados, é possível estabelecer um estudo baseado nas atividades de escrita do aluno e perceber as influências do letramento religioso em atividades de Língua Portuguesa.

Concordamos com Vidich e Lyman (2006, p.51) quando afirmam que a “tarefa da pesquisa como um todo exige tanto o ato de observar quanto o de comunicar dessas observações aos outros”, ou seja, para esses autores, o ato de expressar como se deu o processo de pesquisa nem sempre é descrito em sua inteireza, pois as histórias tecidas em campo são parte de todo esse processo.

A escolha por esse tipo de pesquisa se deu em virtude de que a análise microscópica abrange mais detalhes como também favorecem a identificação da especificidade do aluno escolhido, pois este é um ser ativo e participante na igreja e na escola. Laville e Dionne (1999) afirmam que “tal investigação permitirá inicialmente fornecer explicações no que tange diretamente ao caso considerado e elementos que lhe marcam o contexto.”(p.155).

No caso da escrita, esta nunca acontecerá de uma mesma forma, pois os saberes gramaticais, ortográficos, conhecimentos de mundo e sociolinguísticos estão em constante mobilização. Neste sentido, o que analisamos nesta pesquisa constitui-se em momentos e situações de escrita. Bagno e Rangel (2005) sinalizam para isto, quando falam em letramento como:

o conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos. Desses saberes, evidentemente, também fazem parte as crenças, superstições, representações, mitos e preconceitos que circulam na sociedade em torno da língua/linguagem e que compõem o que se poderia chamar de imaginário linguístico ou, sob outra ótica, de ideologia linguística. Inclui-se também na educação linguística o aprendizado das normas de comportamento linguístico que regem a vida dos diversos grupos sociais, cada vez mais amplos e variados, em que o indivíduo vai ser chamado a se inserir. (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63).

Daí, vemos que é legítimo pensar no conjunto de sistemas que são mobilizados no ato de escrever e a partir dessa noção, por meio de recursos e instrumento de coleta

de dados, presenciamos e exploramos este fértil campo de pesquisa que é a prática da escrita em sala de aula.

Vale frisar que este estudo, por priorizar recursos escritos em sala de aula, prima pensar esse meio que é a preocupação da linguística aplicada (LA), e o alunopassa a ser visto como sujeito sócio-histórico, fruto de relações sociais. Desta forma a realização de identificações de influências do letramento religioso no escolar, em situação de aprendizagem, configura-se como objeto de pesquisa interpretativa na área de LA.

### ***1.2 Da coleta de dados***

A obtenção dos dados de análise ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2017, e foram utilizados alguns instrumentos de pesquisa e técnicas de coleta de dados adequados às pesquisas qualitativas: entrevista com o sujeito da pesquisa, acompanhamento de sua performance em textos de opinião análise de livro didático e atividades de redação. Neste percurso, foram anotadas as evidências da influência da igreja no desempenho escolar do discente em específico na disciplina de LP.

A realização da entrevista semi-estruturada se deu logo após a análise de atividade de escrita, o que favoreceu comentários sobre as mesmas. Esta foi parte fundamental para entendermos posturas e intenções do aluno mediante determinadas opiniões e estruturações textuais encontradas. A gravação da entrevista foi permitida pelo aluno, o que gerou um caminho para uma análise mais aguçada de suas respostas e sua postura frente a cada indagação.

As visitas realizadas na igreja nos fizeram afirmar que há palavras utilizadas pelo sujeito no âmbito religioso que são frequentemente colocadas em atividades redacionais. Esquematizamos, assim, estas palavras e consultamos na bíblia a sua recorrência. Além disso, notamos a facilidade que o aluno possuía em articular textos com situações cotidianas (costume típico da cultura religiosa protestante onde os fiéis articulam a leitura bíblica com experiências vividas), notamos também aguçada habilidade argumentativa nos textos redacionais, e percebemos que na igreja o aluno apresenta com recorrência, em suas oportunidades de fala, a capacidade de reunir um conjunto de textos para embasar determinada ideia. No momento da entrevista buscamos saber se tais fatos, identificados em atividades escritas de LP, estavam relacionados à influência do letramento religioso.

Esta pesquisa centrou-se em pensar as influências da religião na desenvoltura textual do aluno, priorizando elementos como:

- Argumentação: Conjunto de textos de origem religiosa ou não, utilizadas pelo aluno em atividades de Língua Portuguesa para embasar determinada ideia ou pensamento;
- Vocabulário: expressividade do aluno, recursos linguísticos utilizados para expor ideias de diferentes gêneros.
- Intertextualidade: demonstração de influência de outro texto; capacidade de transitar por outros textos para afirmar ou fortalecer determinadas ideias;

Estas categoriais de análise não foram adotadas de forma prévia à elaboração da pesquisa, mas foram definidas a partir da coleta de dados. Através dela buscamos perceber se o letramento religioso influencia na produção textual, e encontramos nestes domínios linguísticos recursos que iam ao encontro do objetivo traçado.

Nossa presença enquanto pesquisadora se deu principalmente no espaço religioso. Em virtude de entendermos mais sobre essa igreja verificamos, por exemplo: como funcionam as práticas de letramento neste ambiente, quais as palavras mais utilizadas nos cultos e se estas eram transportadas para os textos; Observamos também quais os objetivos da escrita nesse meio e se era algo frequente, o que era defendido e como era defendido, entre outros aspectos. Da escola procuramos priorizar os textos escritos nas aulas de LP, uma vez que nossa intenção girou em torno da análise desta escrita.

### ***1.3 Dos Instrumentos de coleta de dados***

Os dados foram obtidos a partir de três momentos que compreendem: o recebimento de atividade de redação e literatura cedidas pelo aluno que foram produzidos na escola onde estuda; a entrevista concedida pelo mesmo, que foi gravada em áudio; e breve análise de escrita em folhetins, bíblia e livros religiosos. Neste último, a análise foi apenas para tentar estabelecer relações entre um meio e outro e como a situacionalidade interfere na prática da escrita.

A leitura dos textos de redação se deu de forma atenta, pois os vestígios muitas vezes não estão tão claros, se apresentando de forma implícita nos textos. A análise foi realizada parágrafo por parágrafo e aqueles que julgamos adequados por convergir com nossa temática foram selecionados e transcritos nesta pesquisa.

A observação das atividades que o aluno escreveu visou identificar fragmentos que apontassem para a existência de uma influência de palavras, termos, sermões e estruturação textual advindos da prática de leitura e escrita presente nas atividades da igreja. Neste sentido, consideramos a observação como a maior fonte de contato com o mundo real, foi observando o aluno e sua postura que nos situamos e criamos nossa problemática de pesquisa. Concordamos com Laville e Dionne (1999) quando dizem que é “observando que orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos pessoas, emitimos juízos sobre elas, não há quase exemplos que não deixem espaço sobre a observação.”(p. 176) .

Outro instrumento foi a entrevista, que nos deu a possibilidade do contato direto com o sujeito estudado. Utilizamos um gravador e um questionário semi-estruturado. Todas as perguntas foram elaboradas previamente. Optamos por este recurso, uma vez que julgamos a entrevista como uma técnica de maior amplitude, quanto à organização e à possibilidade de coleta de mais informações. Para Laville e Dionne (1999) “o pesquisador consegue ganhos, deixando o entrevistado formular uma resposta pessoal, obtém uma ideia melhor do que este realmente e se certifica, na mesma ocasião de sua competência.” (p.187). Vale dizer que a entrevista foi semi-estruturada, com perguntas relacionadas às leituras que ele faz na igreja e na escola, às estratégias de escritas utilizadas e à consciência de que as atividades da igreja influenciam na escola.

Realizada a entrevista e com as produções textuais fornecidas pelo aluno, buscamos preparar cada dado para se tornar adequado à leitura e análise. Primeiramente observamos aquilo que colhemos e geramos durante todo o processo de investigação, descrevemos, transcrevemos e agrupamos. Na análise dos dados escolhemos tratar primeiramente de uma questão encontrada no livro de literatura (por ser a única encontrada dentro do material cedido pelo aluno que foram as redações e o livro didático de LP). Analisamos a resposta que ele deu, logo depois agrupamos duas redações escritas sobre diferentes temáticas e em diferentes situações. Por fim, utilizamos a entrevista, aquilo que foi dito pelo aluno e que elucidou algumas categorias presentes em seus textos.

O simulado de redação analisado foi escrito em uma situação avaliativa. Esse faz parte de um simulado para o ENEM, planejado pela escola. Cada professor esteve encarregado de elaborar uma avaliação de sua disciplina. O simulado valia cinco pontos. A outra redação aqui analisada foi escrita no ENEM 2016.

Utilizamos o livro didático de Português para o segundo ano médio (nível escolar cursado pelo aluno no ano 2016) que pertence à coleção MOTIVO para fins de consulta. Interessou-nos perceber se o aluno havia feito alguma transcrição ou se em algum momento ele citou, mencionou ou expressou sua religião para responder alguma questão.

Colhemos os dados (redações e atividades) produzidos pelo aluno no ano de 2016 e geramos dados (entrevista) no início de 2017.

#### ***1.4 Sujeito da pesquisa***

A escolha de um caso a ser estudado originou-se da própria temática que optamos por investigar. Pelo fato de que as religiões são diversas, o perfil dos seguidores e as motivações pelas quais frequentam a igreja também são múltiplas, de modo que estudar grupos consistiria em uma missão inviável para o nosso projeto de estudo.

Por isso, escolhemos apenas um aluno que tem ligação com a escola e com a igreja, assumindo papéis diferentes em cada uma dessas instituições, mas em ambas demonstrando assiduidade e envolvimento. Este sujeito tem 18 anos de idade e atualmente cursa o terceiro ano do ensino médio. A escola onde estuda é uma escola privada que oferece ensino desde a educação infantil até o ensino médio a alunos de classe média e média baixa. Essa escola situa-se na cidade de Queimadas. Paralelamente a isto, desenvolve o trabalho de músico na igreja congregacional desta mesma cidade. Neste trabalho ele acompanha hinos e louvores, cantados pelos membros igreja, com o violão.

Acompanhamos o estudante e sua prática religiosa há dois anos, porém o objetivo da pesquisa nasceu com as leituras empreendidas no curso de especialização em ensino de LP para educação básica.

O pai do aluno é o responsável que o encaminha para a igreja. O estudante nasceu em uma família sem religião definida, até então seu letramento se resumia apenas ao familiar e escolar. No ano de 2009 seu pai se converteu à religião evangélica e passou a fazer parte dos ritos e das programações da igreja, trazendo com ele seu filho que na época tinha apenas 9 anos de idade.

Hoje esse aluno tem 18 anos e frequenta os seguintes ambientes sociais que colaboram com sua visão de mundo: a escola, a igreja e a família. Vamos ao quadro 1 que define esses letramentos:

**Quadro 1 – Características dos letramentos do sujeito da pesquisa**

Letramento escolar	Práticas e significados da língua escrita no contexto escolar. A escola depois do ambiente doméstico é onde o sujeito passa maior tempo, cumprindo quatro horas e meia de aula a cada dia letivo da semana.
Letramento religioso	Eventos de leitura, escrita e oralidade que são presentes em um meio religioso. A visita ao ambiente concreto da igreja se dá quatro vezes por semana cada encontro dura aproximadamente duas horas.
Letramento familiar	Práticas de leitura e escrita que se realizam no ambiente doméstico. Assume o maior espaço na vida do aluno, por acontecer no seio familiar onde habita. Vale dizer que este espaço também dá continuidade ao letramento religioso, pois os cultos e algumas práticas de veneração também ocorrem neste ambiente.

O aluno é envolvido em atividades de evangelismo. Com base nas normas da igreja esta prática é realizada da seguinte forma: Através das distribuições de folhetins na rua em dias de feira e a partir de visitas realizadas nas residências daqueles que ainda não são convertidos ou não compactuam da mesma fé. Nestas visitas ocorrem diálogos com as pessoas e, se elas consentirem ou demonstrarem interesse, é feito o convite para comparecer à igreja.

Outro grupo em que o sujeito se insere é o de jovens da igreja. Neste grupo há uma preocupação em envolver os jovens na meditação e no conhecimento da palavra. Para isto, semanalmente existe a reunião com os jovens que acontece nas segundas feiras às 19:00 horas. A reunião ocorre nas dependências da igreja e cada componente do grupo é encarregado de trazer uma interpretação sobre o texto bíblico. Esse ritual envolve a leitura bíblica e sua reflexão como algo implicitamente obrigatório.

Observando a forma como este aluno se comportava e se expressava na igreja, foi possível notar alguns recursos linguísticos, como vocabulário, argumentação e intertextualidade, e fazer paralelos com textos escritos nas aulas de LP.

Diante disso, vemos que o aluno exerce a atividade de músico e também está inserido no grupo de evangelismo da igreja e no grupo de jovens. Cada grupo com sua função e especificidade. Dito isso, baseada nos objetivos da pesquisa e na questão central que a norteia, realizamos nossa análise teórica, que será apresentada no capítulo seguinte.



## CAPÍTULO II – LETRAMENTOS

O fenômeno do letramento ganhou espaço no Brasil sobretudo ao longo da década de 1990, fato que desencadeou durante esse período uma ampla repercussão nacional e originou um considerável número de produções acadêmicas. Nesse debate se destacaram autores como Ângela Kleiman e Magda Soares. Este fluxo de estudos sobre a temática também ficou conhecido como movimento chamado *Novos estudos de Letramento*, que apresentam conceitos variados desse fenômeno:

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p. 99).

Como disse Rojo (2009, p.99) o letramento tem uma multiplicidade de significados que variam de acordo com épocas e culturas. Soares(1998) entende o letramento como “habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos [...]; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros textuais; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever [...]” (RIBEIRO, 2004, p.92). Kleiman (1995) compreende o letramento como prática social. Já Ogbuo considerou como “sinônimo de desempenho acadêmico” (OGBU, 1990, p. 123), ou seja, como prática restrita às instituições de ensino.

Atualmente, mesmo diante de tantas produções que têm demonstrado o letramento enquanto prática arraigada no meio social e cultural, quando se pensa em letramento, tem se remetido imediatamente ao espaço da escola, ou seja, o letramento educacional passou a ser o tipo definidor, encaixado na perspectiva de ensino e aprendizagem, bem como vinculado a uma posição de “poder” que esta instituição exerce sobre a leitura e a escrita (STREET 2004).

Neste trabalho, pensamos o letramento como “...todos os possíveis aspectos de envolvimento social e individual com as práticas de leitura e de escrita, cujos textos são produzidos numa língua escrita, cujo sistema é o alfabético.” (MARINHO, 2010, p.75)e

como definiu Street(1985,1993) caracterizando-o como “ideológico” o aspecto que reconhece uma multiplicidade de letramentos; principalmente no que tange ao significado e aos usos das práticas de letramento que se relacionam com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas a relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras. Nesse sentido, todo o sistema de escrita, leitura e oralidade, desenvolvido em um espaço, está direcionado a uma ideologia e serve a um interesse.

Esta concepção também aponta para a amplitude dos ambientes sociais e culturais em que práticas de leitura e escrita podem se desenvolver, corroborando a concepção defendida por Rojo (2009) de que há diversos letramentos, presentes em ambientes como a sala de aula (letramento escolar), em grupos musicais (letramento cultural) e em meios eletrônicos (letramento digital) o que faz esse conceito ser complexo e plural. Assim, Rojo (2009) se indaga:

Mas afinal que conceito é esse tão complexo e diversificado que recobre desde leitura escolar em voz alta de um texto escrito até um CD de rap em tupi, assessorado por um professor da USP, passando pelo uso de meios eletrônicos e digitais?(p. 97)

Adotando esse olhar, vemos que o conceito torna-se plural e está relacionado às práticas e usos de leitura e escrita presentes no cotidiano das pessoas. Além dessas três categorias de letramento (escolar, cultural, digital) existe ainda o letramento religioso, literário, familiar, midiático, enfim, a própria sociedade abriga em seu meio modos específicos de desenvolver e trabalhar com a leitura, a escrita e a oralidade. Esses modos são específicos de cada lugar e sendo sua prática o condicionante para inserção do indivíduo enquanto ser participante e membro do grupo. Na sociedade também estão difundidos meios que envolvem práticas de letramento, como, por exemplo, formas de comunicação, expressão e linguagens específicas, socialmente aceitáveis, uma vez que somos seres participantes de um meio urbano ou rural que envolve o acesso a signos linguísticos.

## ***2.1 Conceitos de letramento***

Antes de adentrarmos na discussão é necessário ratificar que “há diferentes letramentos associados a diferentes domínios de vida, como a família, o trabalho e a

escola”. Os letramentos estão associados também ao perfil socioeconômico e cultural dos sujeitos, conforme afirma Soares (1998):

Pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado. (SOARES, 1998,p.80)

Nessa perspectiva, reconhecemos a religião como parte do perfil social e cultural dos sujeitos e concordamos com Soares (1998, p.80) quando afirma que, quanto mais a pessoa faz parte de ambientes letrados e estes ambientes demandam modos funcionais diferentes, mais esta pessoa vai absorver experiências de leitura e escrita que vão “formar” seu comportamento letrado.

É necessário apontar que quando se fala em letramento existem dois tipos de abordagem: a abordagem ideológica e a autônoma. Sobre esta última:

Na abordagem autônoma, entende-se que haja apenas uma forma de se conceber o letramento, caracterizada pela supremacia da modalidade escrita, que é vista como um produto completo em si mesmo, cuja interpretação é determinada pelo funcionamento/articulação dos elementos internos do texto (STREET, 1984). Dessa forma, o letramento é pensado como atividade única, e singular e a prática letrada como universal, invariável e repetitiva, já que é a mesma em qualquer situação comunicativa em que figurar. Portanto, na abordagem autônoma, defende-se que a compreensão do código linguístico é suficiente para entendê-lo como tal. (SILVA eARAÚJO,2012 p. 682)

Este tipo de abordagem remete ao tratamento do sistema escrito em sala de aula, onde parece sinalizar as características típicas da abordagem autônoma, tendo em vista que a escola, em geral, se atém à produção e interpretação de textos descontextualizados, tendo como principal objetivo avaliar o domínio da língua dos estudantes no tocante à leitura e à escrita. Do contrário na abordagem ideológica a leitura e a escrita são consideradas como interligadas ao contexto sócio-histórico em que aparecem. “Pesquisadores como Scribner e Cole (1981), Heath (1983) e Street(1984) começaram a defender a tese de que não só a escrita, mas também a leitura é uma atividade humana complexa, inseparável das pessoas e dos lugares onde se configura” (SILVA e Araújo, 2012 p.683).

Na perspectiva do letramento, seguindo a vertente ideológica, as práticas de letramento variam de acordo com o meio social em que o indivíduo se insere, a situação comunicativa, o contexto, objetivos de comunicação, classe social dos interlocutores e a estrutura e funcionalidade dos gêneros textuais que circulam em um determinado espaço (MARCUSCHI, 2001). Desta forma o letramento enquanto prática está relacionado diretamente com o lugar e o contexto cultural, seus usos e funções nas sociedades letradas, ou mais especificamente nas grafocêntricas.

## **2.2 Letramento escolar**

A escola é o primeiro ambiente onde o indivíduo tem acesso ao mundo da escrita de forma sistêmica. Para Kato:

A função da escola é introduzir a criança no *mundo da escrita*, tornando um cidadão *funcionalmente letrado*, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. A chamada *norma-padrão*, ou *língua falada culta*, é consequência do *letramento*, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita (Kato, 1986, p. 7).

A escola tem um papel fundamental no que se refere ao fato de subsidiar o aluno ao desenvolvimento da língua falada e escrita e esta é uma ideia que vem ganhando espaço, principalmente nos últimos anos.

A ideia corrente que se tem de escola é a de uma instituição social que deve proporcionar aos alunos o desenvolvimento e a aprendizagem de suas capacidades e de seus saberes. Ao longo dos tempos, ganhou o status de democrática, já que não acolhe mais apenas as classes mais abastadas da sociedade, nem serve aos interesses de determinados grupos. Além de veicular conhecimentos, a escola deve encontrar formas de fazer que o aluno se aproprie deles criticamente e a LDB (1996), no parágrafo segundo do artigo primeiro, acrescenta que “a educação escolar deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

De acordo com Kleiman, o termo letramento escolar não deveria ser utilizado como algo necessariamente negativo ou perverso, autônomo e estático por natureza, mas como um conjunto de práticas discursivas da esfera escolar que envolvem os usos da escrita em contínua inter-relação com outras linguagens. (KLEIMAN, 2012).

A escola é um ambiente que em tese deve proporcionar o acesso ao letramento e seu desenvolvimento enquanto sujeito. Esse pensamento faz com a escola represente o letramento da instituição social mais prestigiada, prescrevendo aos alunos o valor de certas práticas de linguagem em detrimento de outras. De acordo com Paro:

A visão do senso comum, e muitas vezes das próprias instituições de ensino, construída tradicional e historicamente, concebe a educação como a “transmissão de conhecimento de um educador para um educando”, ressaltando o aspecto conteudista da relação entre os que exercem os papéis de professor e de aluno. (PARO,2010,p.23).

Ainda de acordo com esse autor a escola precisa ser vista com maior rigor científico, pensando assim a educação como apropriação da cultura, que envolve conhecimento, valores, crenças, ciência, arte, etc. Dessa forma, o aluno se apropriando desses bens culturais, não será apenas capaz de responder questões de vestibular, mas terá uma formação em sua integridade. Esse pensamento contraria a ideia de que apenas os conteúdos são importantes, e reafirma a noção de aluno e professor serem sujeitos protagonistas das práticas que se estabelecem em sala de aula. A visão reformada do que vem a ser a escola e do seu papel tira o aluno como um sujeito receptivo, afirmada na pedagogia tradicional, e o coloca como um sujeito social e participativo. “O que capacita o homem a tornar-se histórico é, antes e acima de tudo, sua condição de sujeito”(PARO,2010, p.24). Dialogando com essa ideia, Morin (200, p. 3 e 4) pontua para que o indivíduo se componha como tal a escola deve contextualizar o ensino, fazer com que o aluno reflita acerca do que é o conhecimento, acerca de sua identidade como pessoa, como ser social e ético.

Em relação à prática de leitura que norteia esta pesquisa, nos baseamos na definição de Soares (1998, p.48) quando ela afirma que ler:

é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*: em que ponto desse *continuum* uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à leitura? A partir de que ponto desse *continuum* uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à leitura?

Vemos então, que a leitura é um processo complexo que envolve não só decodificar, mas um processo de interação textual que faz parte de um continuum. Neste trabalho adotamos a concepção de leitor, ao invés de ledor. Como apresentou Santos (2012, p. 40), o *ledor* não consegue ir além do texto, apenas repete informações contidas

nele, ou seja, trata-se da mera reprodução alienada de palavras ou de trechos veiculados pelo autor do texto. Nesse pensamento, o texto torna-se autônomo, sem que o leitor elabore e faça mediação com o social e com o mundo concretamente vivido. Ressaltamos esta visão de leitor para considerar que estamos pautados a observar se a igreja tem, ou se busca, modos de desenvolver nos seus fiéis a capacidade da leitura reflexiva.

A leitura reflexiva envolve um *leitor* que é capaz de fazer inferências, observa as entrelinhas, percebe as intenções do autor e a estrutura do texto, ou seja, há um adentramento crítico dos textos propostos. De mesma forma, a prática da escrita também é perceptível no meio. A prática da escrita que será analisada neste trabalho, converge com a noção de Magda Soares (1998, p.48) para ela, escrever:

É também um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado... uma pessoa pode ser capaz de escrever um bilhete, uma carta, mas não ser capaz de escrever uma argumentação defendendo um ponto de vista, escrever um ensaio sobre determinado assunto... Assim: escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum: em que ponto desse continuum uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à escrita? A partir de que ponto desse continuum uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere a escrita?

A escrita, bem como a língua, faz parte de uma totalidade que constitui os sujeitos e suas marcas de identidade, condição de pensamento, forma de relacionamento e de intervenção no mundo (BRITO, 2007). Ou seja, as práticas de escrita empregadas pelo aluno garantem a ele a formação de uma identidade social/ cultural.

O letramento é também produto de uma participação ativa em determinada atividade social e produz uma certa disposição; o modo como alguém participa de certa atividade e, conseqüentemente, a voz que alguém está apto para assumir, contudo, dependem fortemente da maneira como o indivíduo está integrado às formações que são o alicerce dessas disposições (MEY, 2001, p. 240).

Neste sentido, o letramento pode ser visto como expressões da identidade grupal, produzida historicamente. No espaço escolar bem como no religioso o domínio da língua não é diferente, concordamos com Brito (2007) ao afirmar que:

O domínio sobre a linguagem, mais exatamente sobre seus usos, produzindo e legitimando determinadas formas como ela se realiza, pelo estabelecimento de uma legislação linguística e de valores arbitrários por meio da publicidade deste ou daquele registro, é uma forma de poder. E um poder particularmente relevante na medida em que tanto o conhecimento formal como as formas de normatização da vida e de produção concretizam a linguagem, em particular nas formas de escrita (BRITO, 2007, p.25)

Mencionamos esta passagem uma vez que ela considera o registro e a linguagem como forma de poder. No ambiente em que atua aquele que tem mais domínio da língua consequentemente tem mais prestígio. O uso da linguagem a legitima como registro e forma de poder baseada no conhecimento formal. Temos que considerar que em diversos espaços culturais e sociais o domínio da escrita também é muito relevante na constituição do ser social. Para analisar o letramento como prática social é necessário levar em consideração que as práticas estão materializadas em eventos mediados por textos escritos. Além do mais, há letramentos associados com diferentes domínios de vida que devem ser historicamente situados.

Os modos de inserção na cultura escrita derivam de algumas desigualdades no acesso à língua escrita que correspondem, em linhas gerais, a desigualdades no acesso a outros recursos e benefícios econômicos sociais e culturais. Ou seja, quanto mais recursos socioeconômicos têm um sujeito ou grupo social, maiores as probabilidades deste indivíduo ou grupo se inserir socialmente e de atingir elevados níveis de escrita. Continuando neste pensamento, partiremos para a discussão do letramento religioso, que é um tipo cultural e historicamente dotado de práticas específicas de escrita.

### ***2.3 Letramento religioso***

No Brasil, a prática religiosa tem um papel destacado no acesso à cultura escrita. Entendemos como prática religiosa o conjunto de representações coletivas, que obedecem a códigos de comportamento e organiza-se de modo coletivo e padronizado. Em relação aos materiais mais utilizados na igreja, a bíblia está como a principal fonte de leitura, entre os fiéis. Entre as pessoas que frequentam a igreja, esse livro sagrado tem um papel fundamental historicamente construído na vida do cristão, a importância que a bíblia assume é primordial para pensarmos nas práticas de leitura, escrita realizada pelos fiéis. De acordo com Batista e Massagão (2004):

A preferência por bíblia e por livros religiosos é maior entre as pessoas com menos escolaridade: 58% dos que têm até três anos de estudo os indicam como preferidos, contra 48% dos que têm de quatro a sete anos de estudo, contra 36% dos que têm de oito a dez anos e 26% dos que têm 11 ou mais. Dados sobre os acervos presentes nas residências dos brasileiros também revelam o papel destacado da esfera religiosa na popularização do acesso ao texto impresso: 87% possuem a bíblia ou livros religiosos em sua residência, enquanto 80% possuem livros escolares; 71%, dicionário; 62% livros infantis. (BATISTA e MASSAGÃO, 2004, p. 109)

Estes dados foram retirados do INAFé através deles vemos que há um amplo predomínio das religiões cristãs no Brasil. Tanto a religião católica como a protestante possuem em seus rituais práticas deseguir folheto ou livro, ler a bíblia, fazer leitura em voz alta, escrever, dar palestras, testemunhos e aulas. Batista e Massagão (idem) consideram ainda o caráter mais amplo na religião protestante, principalmente entre os hábitos de leitura bíblica, ler em voz alta e escrever.

Vemos a partir desses dados como é importante para a produção da identidade das pessoas as suas posições na sociedade. Além disso, a partir dos dados apontados por Batista e Massagão (op.cit.), visualizamos que, além da escola, existem outros ambientes sociais que incorporam o hábito da leitura e da escrita que estes hábitos estão vinculados a crenças, visões de mundo e produções identitárias.

Na igreja, assim como em outras instituições sociais, a escrita converge para uma significação comportamental, ou seja, o que impulsiona os fiéis a escreverem é o papel que aquela escrita possui para o desenvolvimento de determinada atividade. Quase sempre a escrita também está vinculada a cargos e papéis, cabendo ao tesoureiro, os porteiros, o pastor, diáconos e pregadores exercitá-la com maior frequência.

O que queremos dizer é que há várias funções da leitura e da escrita, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural. Neste sentido, concordamos com Britto(2007), quando ele afirma que as relações entre conhecimento e escrita são inseparáveis do conhecimento formal e de mundo, não sendo possível sustentar a hipótese de que seja uma competência específica nos moldes de um saber abstrato. Neste contexto temos algo peculiar, a escrita na igreja não tem a mesma função que a escrita na escola. Na escola a escrita funciona, grosso modo, como um instrumento a ser aprendido para ser utilizado no meio social. Na igreja a escrita já atinge sua finalidade de desenvolver um papel nesse meio.



Kalman(1995)contribui para pensarmos em como algumas práticas culturais de leitura e escrita cooperam para a apropriação. Neste trabalho, a autora menciona o contexto de interação na construção do acesso à cultura escrita, de modo que a participação em atividades sociais contribui para o desenvolvimento do conhecimento. Através da interação com os outros o aprendiz se cerca de práticas sociais e internaliza os processos sociais externos como uma parte orgânica da prática.

Em relação ao letramento religioso, essa interação com os membros da igreja também contribui para a apropriação das práticas e eventos religiosos.Evento religioso compreende a ideia de todo acontecimento previamente planejado, organizado e coordenado por pessoas religiosas com determinados objetivos.

#### ***2.4 A história da igreja na Educação do povo***

A partir de estudos históricos percebemos que a igreja foi uma instituição marcante no processo de aprendizagem e no impulsionamento de práticas de leitura e de escrita das pessoas. A Idade Média, período que compreende o século V ao XV ocorrido na Europa, trouxe uma forte difusão do pensamento religioso católico, a disseminação das práticas religiosas se dava a partir de métodos de ensino e acontecia restritivamente nos templos.A bíblia era lida em latim e isto dificultava o acesso das classes populares ao conteúdo real do texto. Embora houvesse a preocupação em ensinar e repassar para a sociedade valores e doutrinas da religião cristã, só com a Reforma protestante é que a autonomia na leitura bíblica e interpretação textual foi alcançada pelos indivíduos.

RosowKy (2008) pensa o letramento litúrgico como algo presente em textos religiosos os quais são corriqueiros na vida das pessoas até hoje e era um dos mais presentes na esfera religiosa. Mártin Lutero ((Eisleben, 10 de novembro de 1483 — Eisleben, 18 de fevereiro de 1546), foi um monge agostiniano e professor de teologia germânico) preconizou elementos que subsidiaram a reforma protestante, embora não tivesse plena consciência disto, este reformador trazia um novo olhar sobre as concepções de leitura e escrita que até então eram restritas aos membros eclesiais da igreja.

Neste sentido, não podemos reduzir a reforma protestante apenas à origem e ao surgimento de uma nova religião, mas foi sobretudo uma revolução acontecida por via do surgimento de um novo modo de ler e interpretar as escrituras. A partir de então a

igreja passou a organizar de forma preconizadora a educação do povo, incluindo os mais pobres, possibilitando, para a maioria da população, o primeiro acesso ao letramento. Saindo da estrutura concreta da igreja, o ensino também foi realizado em orfanatos e hospitais. Entre os textos mais ensinados estavam o bíblico, os cânticos e as orações.

A história da leitura no Ocidente é em boa parte a história da leitura da Bíblia, embora, como veremos, essa tradição tenha sido profundamente influenciada pelas tradições clássicas, árabe e judaica. Sendo em grande parte uma reação contra a preocupação dos judeus com a “letra da lei” e a observância estrita do ritual, a primitiva tradição cristã contrapunha que “a letra mata, mas o espírito dá a vida” (II Cor. 3:5). O objetivo da interpretação era justamente recuperar aquele “espírito”. (OLSON, 1997, p. 162) .

Vemos então que a questão da leitura bíblica não estava restrita a uma mera decodificação, mas ao relacionamento com um espírito. O texto sagrado também foi traduzido para várias línguas, rompendo com a tradição que o mantinha apenas no latim. Portanto, percebemos que desde a Idade Média, época em que preponderava a religião católica, e depois deste período no momento da transição do medievo para a modernidade, em que surge a religião protestante, a igreja já contribuía para a aprendizagem da leitura e da escrita. E o fato de estarmos estudando isto hoje é apenas um modo de afirmar que esta influência, historicamente construída, ainda existe, apesar de se apresentar em um nível diferente, com novas roupagens, por naturalmente estarmos situados em outro tempo, cultura e espaço.

### ***2.5 Gêneros textuais no ambiente religioso***

No ambiente religioso, assim como na vivência cotidiana, existe o uso de materiais escritos e orais. Dentre os orais, costumam aparecer em forma de diálogos, conversas diárias, externização de opiniões, ordens, o que Bakhtin chamou de enunciado de *gênero primário* por ser algo primário, primitivo original. Neste contexto, o enfoque enunciativo discursivo pode ser compreendido por sua relação com o contexto imediato, onde acontece a ação comunicativa. Além deles há os diálogos de *gênero secundário* quando se trata da narração de contos filosóficos, histórias teatrais de sentido figurativo, a comunicação discursiva de conteúdos cujos sentidos determinam as escolhas que o sujeito concretiza a partir do conhecimento empírico que carrega consigo.

É importante explorarmos os gêneros textuais uma vez que eles são elementos utilizados tanto na escola como na igreja com formas e objetivos variados, ditados pelas normas que cercam tais instituições. Ambos os espaços possuem funções diferentes na sociedade. A escola, grosso modo, é uma instituição concebida para o ensino de alunos sob a direção de professores e possui em seu cerne e atuação a defesa de determinada(s) ideologia(s). Por outro lado, a igreja, que vem do latim *ecclesia* (HOUAISS, 2001) é um templo cristão, é o local da pregação dos ensinamentos de Cristo, obedecendo aos princípios da ética cristã, também pode ser considerada como conjunto de fiéis unidos pela mesma fé e que celebram as mesmas doutrinas religiosas.

Sabemos que a escola tem uma preocupação com planejamentos, capacitação de professores, adoção de materiais didáticos, material de ensino, estrutura física e peculiaridades que dialogam com a sua função social e de seu objetivo e estes são alguns aspectos que garantem a existência da escola e seu funcionamento. Neste ponto, não podemos assemelhar a escola da igreja que têm um perfil voltado para atender outras necessidades humanas (como por exemplo a necessidade de crer notada como presente em todo percurso histórico da humanidade), porém apesar de aparentemente tão diferentes esses espaços apresentam elementos aproximados, no que tange o manejo com a linguagem nas aulas de português e as exposições orais realizadas no templo. As práticas de interpretação, leitura e escrita textual, por exemplo, são exigidas em ambos os espaços, em estrutura formal, obedecendo a começo, meio e fim. A partir disto, notamos a existência de gêneros orais e escritos em ambos os espaços que iremos analisar e, por isso, para explorarmos os gêneros textuais que circundam o ambiente educativo e religioso, utilizaremos Bakhtin (2004) quando ele considera que todo gênero é definido por três dimensões essenciais:

a) Os conteúdos, que são e se tornam dizíveis pelo gênero (Conversa, carta, palestra, entrevista, resumo, notícia...) e não por frases ou orações; b) a estrutura/forma específica dos textos (narrativo, argumentativo, descritivo, explicativo ou conversacional) pertencentes a ele; c) as configurações específicas das unidades de linguagem (estilo): os traços da posição enunciativa do locutor e os conjuntos de sequências textuais e de tipos discursivos que constituem a estrutura genérica (por exemplo, construir um texto instrucional – ensinar a jogar xadrez – é diferente de construir um texto argumentativo – defender o jogo de xadrez como atividade importante para o desenvolvimento mental).

É necessário pontuar que a produção do gênero está ligada à organização enunciativa da situação de produção definida pelos parâmetros sociais. Segundo Dolz, Pasquiere Bronckart(1993) o aprendiz, na produção de um gênero em determinada interação, deve adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas necessárias (capacidade discursiva e linguística). De acordo com Costa (2008, p. 20), existem os discursos (formações discursivas/ domínio discursivo) e os gêneros do discurso/gêneros textuais que fazem parte do letramento religioso, como no quadro abaixo apontado por ele, no qual acrescentamos o gênero pregação que pode conter em seu corpus todos os outros citados anteriormente:

**Quadro 2 – Gêneros textuais da dimensão religiosa**

Discursos (formações discursivas/ domínio discursivo)	Gêneros do discurso/ Gênero textuais
<b>RELIGIOSO</b>	Prece / oração
	Ladainha
	Reza
	Sermão
	Hagiografia
	Homilia
	Pregação

A partir da leitura desse quadro2, vemos que nossa análise se identifica com a de Bakhtin (1993/1992/1994, p. 180) quando ele afirma que “cada esfera da atividade humana produz textos com algumas características comuns e , por isso, pertencem a um determinado domínio discursivo, isto é lugar onde os textos correm/ circulam.” Verdadeiramente os textos eles são pertencentes a um local onde eles são respaldados e utilizados. A existência de diversas tipologias textuais dentro da igreja favorece o pensamento de que o sujeito se apropria de linguagem, discurso visto no culto, no

momento de lançar estratégias de leitura, escrita e/ou compreensão textual em sala de aula.

### ***2.60 livro sagrado e as relações de leitura e escrita***

Primeiramente temos que entender o que é sagrado, pois todos os textos que circulam dentro da igreja, tem que ser considerado sagrado, não sendo, assim, permitida a reflexão sobre todo e qualquer texto que não traga ou não contribua para a contemplação da santidade do Deus venerado.

O sagrado se relaciona com a santidade. Santidade é, em geral, o estado de ser santo (percebido pelos religiosos como os indivíduos associados com o divino) ou sagrados (considerados dignos de respeito e devoção espiritual, ou que inspiram temor ou reverência entre os crentes em um determinado conjunto de ideias espirituais) . Em outros contextos, os objetos são muitas vezes considerados santos 'ou' sagrados, se utilizado para fins espirituais, como o culto dos deuses ou serviço.<sup>1</sup>

A bíblia é o livro sagrado das religiões cristãs, e como a palavra sagrado denota, se trata da ideia de algo inerente ao próprio Deus, ao sacro, digno de respeito e devoção espiritual, ou que inspira temor ou reverência entre os crentes<sup>2</sup>. Em meio a grupos religiosos que a seguem, o entendimento da bíblia chega a ser transcendental, ultrapassando a todas as abrangências e categorizações possíveis, principalmente por estar imbricada ao mundo espiritual. Nessa obra estão presentes os livros do Antigo e do Novo Testamento, ambos contêm doutrinas que orientam o comportamento dos cristãos, porém não podemos entender a função deste livro como se fosse a de um manual ou de guia, para além de uma orientação, a bíblia consiste na própria palavra de Deus revelada. Embora escrita por homens, a bíblia não é tida como um texto que resulta da inspiração humana, o homem foi apenas um canal transmissor da mensagem.

Além de considerarmos a bíblia como principal livro utilizado no espaço devocional protestante, uma vez que é o mais citado e lido neste ambiente, procuramos referências em outros livros também utilizados, como o manual da escola bíblica, que é utilizado pelo aluno em estudo, nos domingos de manhã. Esse amplo conjunto de materiais favorece a criação do sujeito enquanto ser que possui habilidades de leitura,

---

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www.circulopsibahia.org.br/sagradoeprofano.pdf>> Acessado em 02/05/2017 às 13:20

<sup>2</sup> Parte destas informações foram retiradas do arquivo <<http://www.circulopsibahia.org.br/sagradoeprofano.pdf>> Acessado em 02/05/2017 às 13:00

uma vez que tem acesso a diversos materiais que compõem os ambientes que o sujeito frequenta, como já foi dito por Soares (1998):

Acrescente-se a essa grande variedade de habilidades de leitura o fato de que elas devem ser aplicadas diferenciadamente a diversos tipos de materiais de leitura: literatura, livros didáticos, obras técnicas, dicionários, listas, enciclopédias, quadros de horário, catálogos, jornais, revistas, anúncios cartas formais e informais, rótulos, cardápios... (SOARES, 1998, p. 103)

Vemos então que a leitura pode acontecer nas mais diversas situações dentro e fora do templo religioso e pode estar vinculada a vários materiais que fazem parte do credo protestante, além dos distribuídos na própria igreja, ou até mesmo fora dela.

Além disto, as habilidades de escrita também podem ser percebidas em diversas situações como, por exemplo: anotações, assinatura do nome, elaboração de listas, ensaio de grupo de louvor. É importante apontarmos tais questões, uma vez que estas práticas realizadas de modo cotidiano na igreja são plenamente capazes de interferir e contribuir com atividades de redação, pergunta e resposta realizadas no ambiente escolar e, por conseguinte, agiliza a aprendizagem do aluno no âmbito da leitura e da escrita, bem como acerca de determinados temas.

Pensaremos agora em como se dão as práticas de escrita e leitura em um meio religioso, utilizando para tal fim os autores Jung e Semechechem (2009) que teceram observações no ritual católico conhecido como missa:

ações e modos de participação que caracterizam alguns rituais religiosos e estão relacionados aos eventos e práticas de letramento, pois no decorrer de todo ritual, o texto escrito do folheto, do livro de cantos, do livro de novena, subsidia os modos de participação e de interação com o texto escrito. Por exemplo, durante a leitura do evangelho, um evento de letramento típico das missas católicas, os participantes devem adotar determinados modos de participação, inicialmente devem tomar o turno em coro em resposta à leitura do padre e depois acompanhar em pé a leitura do texto, feita pelo padre. Se um participante desse evento não toma o turno no momento requerido ou não acompanha a leitura em pé, ele pode estar acompanhando a leitura, mas seu modo de participação não é aquele sócio historicamente construído, o que pode revelar que ele não é um membro do grupo católico, ou, caso seja, não é um membro competente. (JUNG e SEMECHECHEM 2009, p. 30)

Apesar dos autores não se referirem a rituais da igreja protestante, que é a que pretendemos estudar, podemos englobar eventos de igrejas evangélicas que utilizam rituais parecidos, como, por exemplo, a leitura bíblica em coro e individual, acompanhamento de leituras. Além desses, existem outros tipos habituais de utilizar a leitura e a escrita, como por exemplo: grifo e anotações realizadas na própria bíblia (que acontecem em meio a uma leitura individual, ou da escuta atenta a uma interpretação de outrem), exposições de leituras em público, leitura silenciosa, marcadores textuais, escrita de novos cânticos, acompanhamento de letras musicais e de recursos textuais, apresentação de peças teatrais realizadas principalmente pelos jovens, para cuja realização são dedicadas semanas de estudo e aprendizagem textual. Essas atividades podem ser associadas ao que Mortatti (2008) expõe, quando se refere à cultura (2008), quando se refere à cultura escrita e à sociedade letrada:

Trata-se, assim, de um tipo de sociedade baseada em comportamentos individuais e sociais que supõem inserção no mundo público da cultura escrita, isto é, uma cultura cujos valores, atitudes e crenças são transmitidos por meio da linguagem escrita que valoriza o ler e o escrever de modo mais efetivo do que falar e o ouvir. (MORTATTI, 2008, p.98)

Vemos que a citação focaliza principalmente a análise das sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita, por meio de um texto escrito e impresso. As atividades religiosas seguem a mesma sistemática das sociais, pois se baseiam também em textos impressos. A cultura construída no meio religioso segue comportamentos individuais e coletivos que pressupõem a inserção na prática religiosa. A religião é recoberta de valores, crenças, ações que são transmitidos por meio da linguagem e esta linguagem é respaldada no texto escrito contido no livro sagrado bíblia. Com efeito a linguagem é uma forma de transmitir aquilo que foi lido, meditado, aprendido e interpretado.

Neste sentido, não podemos esquecer que, dentre os bens culturais, encontram-se a leitura e a escrita como saberes constitutivos das sociedades letradas. Para Mortatti (2008, p.100) “A participação efetiva na cultura escrita é a condição necessária para mudança, do ponto de vista tanto do indivíduo quanto do grupo social.” Este pensamento é essencial para percebermos que desde a conversão (que para os protestantes quer dizer transformação, mudança de rumo, aceitação de normas) as pessoas estão guiadas por um

“saber” que remete e afirma a existência de um Deus transcendental, ou seja, este saber é adquirido através de um conhecimento que se relaciona com uma diversidade de materiais escritos que o afirmam. Daí advém a condição da mudança: acesso e aceitação do texto escrito (bíblia). Ainda conforme Jung e Semechechem (2009),

Os modos regulares de como devem ser as ações das pessoas em muitos eventos de letramento, em contextos particulares, acontecem porque os domínios são contextos estruturados e padronizados. Atividades dentro desses domínios não são acidentais ou aleatoriamente variadas: existe uma configuração específica de práticas de letramento (BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000). Desse modo, a configuração das práticas de letramento nos eventos religiosos é regulada por convenções que constituem esses ritos, os quais requerem modos de participação específicos e práticas regulares em torno do texto escrito (JUNG e SEMECHECHEM 2009, p. 30).

Esta prática em torno do texto escrito, típica das religiões cristãs existentes majoritariamente no Brasil, favoreceu o desenvolvimento de indivíduos no que tange suas capacidades interpretativas, habilidades de compreensão leitora e de escrita. Esse fato consagra a atividade religiosa como um dos meios, historicamente construídos, de se ter acesso à cultura letrada. Nesse sentido, é importante lembrar que a religião protestante surge a partir de uma revolução nos atos de ler e interpretar o livro sagrado bíblia.

### **2.7 A intertextualidade e suas características**

Para analisarmos o conceito de intertextualidade, basta observarmos a estrutura da palavra: *inter* é um sufixo de origem latina e faz referência à noção de relação. Dito isso, vemos que é correto afirmar que a intertextualidade refere-se às relações entre os textos, assim como é correto afirmar que todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, e isso acontece em virtude das relações dialógicas firmadas<sup>3</sup>.

A intertextualidade ocorre quando há “relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2012, p.12). Podemos considerar a vários tipos de intertextualidade. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 18-44) são eles:

---

<sup>3</sup> Para saber mais ver: <http://brasilecola.uol.com.br/redacao/intertextualidade-.htm>. Acessado em 04/05/2017.



- A intertextualidade temática, aquela encontrada em textos científicos pertencentes a uma mesma área de estudo, em matérias da mídia em geral apresentadas no mesmo dia ou em um mesmo período, entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, em histórias em quadrinhos de um mesmo autor, e entre um livro e seu meio de encenação (filme ou novela)
- Paratextualidade e arquitextualidade, que seria o conjunto das relações que o texto propriamente dito estabelece com os segmentos de texto que compõem uma obra (engloba título, subtítulo, prefácio, posfácio, notas etc)
- Metatextualidade, que corresponde a uma relação de comentário que une um texto fonte ao outro que dele trata;
- Hipertextualidade, descrita como uma relação de comentário que une um texto fonte ao outro que dele trata;

Autores como Bakhtin (1929, apud KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2012, p.12) consideram que um texto não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente, a Linguística textual propõe que todo texto está sempre em diálogo com outros textos:

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminado tanto o posterior como a anterior, juntando dado texto a um diálogo que esse contato é um contato dialógico entre textos... Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. (BACHTIN, 1986, p.162)

Articulado nesse pensamento Kristeva (1974, p.60 apud KOCH, BENTES e CAVALCANTE), afirma que qualquer texto se constrói como mosaicos de citações e é absorção e transformação de um outro texto. Neste sentido, vemos que fenômeno da intertextualidade ocorre quando um texto está inserido no outro, o que faz da intertextualidade uma forma de diálogo entre textos, que pode se dar de forma implícita ou explícita e em diversos gêneros textuais.

O fato de pensarmos a intertextualidade como um fator que envolve a presença contínua de outros textos em determinado texto, nos leva a refletir a respeito da individualidade e da coletividade em termos de criação. Sendo primordial reconhecê-la como uma estratégia para a habilidade de leitura e escrita essencial para a reflexão da prática docente.

## 2.8 Argumentação

Pensamos o ato de argumentar não apenas como uma capacidade nata do ser humano, mas neste trabalho também o compreendemos como uma habilidade de reunir um conjunto de textos para embasar determinada ideia. A linguística textual considera que um dos princípios da intencionalidade é a textualidade. Ribeiro (2009, p.10) cita que a semântica argumentativa, assim como outras vertentes da Análise do Discurso defendem que a argumentatividade é o ato de fala fundamental, inevitavelmente presente em toda locução. Ricardo Vigna<sup>4</sup> define que há níveis de argumentação, algumas para serem legitimadas, não estão sujeitas tanto do ponto de vista do interlocutor; outras dependem de razões de ordem afetiva ou ideológica e carecem, portanto, de uma argumentação mais complexa e da concordância dos interlocutores. Vamos ao exemplo que esse autor cita:

Se afirmamos que “o sol ilumina a Terra”, isto é evidente e pode ser provado com um leve olhar para o céu em um dia sem nuvens e com hipóteses comprovadas pela astronomia. Neste caso, um texto a defender tal tese teria uma argumentação muito simples, pois os fatos e as descobertas científicas por si sós já convenceriam o meu interlocutor.

Contudo, se dissermos que “nas profundezas da mente humana há, além da consciência, uma parte um inconsciente” necessitaríamos de retomar as explicações freudianas sobre o funcionamento da mente, a questão dos sonhos, dos atos fálicos, etc. Aqui já caberia um grau mais alto de argumentação, dado o nível de abstração que envolve tal tese, e teríamos em muito que contar com a “bagagem cultural” do ouvinte. Enfim, ao declarar que “a descriminalização das drogas diminuiria a violência no Rio de Janeiro”, neste caso, teríamos que dispor de uma série de argumentos, estatísticas, exemplos, muitos deles baseados em suposições ou em comparações com cidades de países que fizeram o mesmo. Assim, precisaríamos verificar se as estatísticas são pertinentes e relevantes para a defesa de nossa ideia, além disso, no caso das comparações, elas precisariam ser validadas com mais argumentos para receber a adesão de meus interlocutores, pois nem sempre o que funciona em um local funcionará no outro.

Vemos que a enunciação só se torna possível a partir de um contexto sociohistórico que determina as condições de produção do enunciado. A linguagem tem um caráter interativo, gerado pela necessidade que o homem tem de compartilhar suas

---

<sup>4</sup>É formado em Letras pela Universidade de Brasília e Doutor em Teoria Literária pela UFRJ. Professor universitário, faz pesquisas em estudos de linguagem (Semiologia, Literatura e Filosofia da Linguagem) e também em formação de leitores. Esta ideia foi retirada do seu site sobre Estudos de Metodologia e Produção Textual de Ricardo Vigna. Disponível em <<https://ricardovigna.wordpress.com/estudos-de-metodologia-cientifica-e-producao-textual/%EF%BB%BF1-introducao-ao-estudo-do-texto/>>

ideias, de defender suas opiniões, nas mais diversas situações. (RIBEIRO 2009 , p. 36). Vemos então que as práticas argumentativas implicam dimensões sociais, cognitivas e linguísticas da ação comunicativa como um importante instrumento de construção coletiva. Para Bakhtin (2000, p. 290)

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente) completa, adapta, apronta-se para executar etc. , e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes, já as primeiras palavras emitidas pelo locutor.

Neste sentido, entendemos que a argumentação se materializa, então, nas diversas práticas sociais, nas múltiplas situações de comunicação em que somos levados a argumentar, sejam elas formas ou informais. Para Ribeiro (2009 p.37). É através destas práticas que interagimos e argumentamos com os outros, tal interação é marcada pela argumentatividade, pois todo discurso representa uma ação verbal dotada de intencionalidade, tentando influir o comportamento do outro ou fazer com que ele compartilhe algumas de suas opiniões (Koch, 2000). Sobre isso concordamos com Bakhtin (1995, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Desta forma, notamos que a diversidade de contextos sócio-históricos e da atividade humana produz que diferencia-se pela medida que a torna mais complexa. Este pensamento converge com a ideia que (Ribeiro 2009 p. 12) as situações sociais requerem mais que a habilidade corriqueira de manifestar as próprias opiniões e necessidades ou de atingir, por meio da linguagem os objetivos pretendidos.

## **2.9 Vocabulário**

Primeiramente definiremos com base em Bezerra (2004, p. 12) o que é léxico e o que significa vocabulário.

O léxico é todo conjunto de palavras de uma língua (dicionarizadas ou não, tidas como cultas, ou não, escritas ou faladas) e o vocabulário é o

subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação (o grupo de palavras de um determinado texto, o grupo de palavras utilizado por um determinado escritor em sua obra, por um profissional no exercício de sua profissão, por jovens em seu grupo de amigos, pelo professor e seus alunos na sala de aula, por crianças entre si e tantas outras situações.

Outro termo pertinente é o termo *palavra*. Para Bezerra (2004, p.13) esse termo é genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes ( e por isso utilizada, mesmo pelos especialistas que apontam ambiguidade no termo), mas sem o rigor científico.

Palavra é um termo, um vocábulo, uma expressão. É uma manifestação verbal ou escrita formada por um grupo de fonemas com uma significação. Do latim *parábola*. (...) Palavra é um conjunto de sons articulados que expressam ideias e são representados por uma grafia, formada por uma reunião de letras, que quando agrupadas formam as frases.<sup>5</sup>

O processo de ensino/aprendizagem está ligado diretamente às práticas de letramento e a teorias de gênero textual (Bezerra 2004). Assim, a escolha lexical por parte do aluno está relacionada ao gênero textual, ao registro linguístico, ao tema, ao interlocutor, enfim, às condições de produção do texto. Concordamos com Leal (2004, p.39) quando afirma: “O domínio do vocabulário, além de outros aspectos, é também parte essencial no aprendizado de uma língua, principalmente na aquisição da proficiência em leitura e escrita.”

Neste sentido, Bezerra (2004, p. 17) aponta que a concepção de léxico, no século XX se diversificou atraledos às várias correntes linguísticas em vigor. A concepção de léxico passou a ser visto com um conjunto cujos elementos são interligados e foram subconjuntos, que por sua vez também estão ligados entre si, por meio de diversos laços. O que nos faz perceber as noções saussurianas de língua como sistema. Vamos agora a algumas teorias que estudam o léxico definidas por Bezerra (2004, p. 17):

- A teoria gerativista (Chomsky, 1999) estuda o léxico do ponto de vista cognitivo, diferentemente das estruturalistas (que o estudam do ponto de vista formal e social). Para os gerativistas, o sistema cognitivo humano consiste num

---

<sup>5</sup> Esta definição foi retirada do site de significados. Disponível em <<https://www.significados.com.br/palavra/>>

sistema computacional (a sintaxe de modo amplo) e num lexical, e o léxico é um conjunto de elementos lexicais, cada um deles sendo um sistema articulado de traços fonéticos, semânticos e sintáticos;

- A teoria funcionalista estuda o léxico do ponto de vista do uso social e o considera como o conjunto de todos os lexemas básicos de uma língua, que constituem os predicados e os termos básicos.

No livro organizado por Salles, Faulstich, Carvalho e Ramos (2004, p. 94) encontramos que “ampliar o vocabulário é acrescentar ao vocabulário fundamental unidades lexicais do vocabulário comum e completa-los com termos e áreas especializadas das ciências, da tecnologia, das artes e de outros meios sociais.” Faulstich (2012, p. 41)

Vocabulário é a unidade de língua efetivamente empregada em um ato de comunicação; representa uma unidade particular, um significado, usada na linguagem falada ou escrita. Unidade aqui não tem sentido de um numérico, mas de um semântico: em Setor Habitacional Individual Sul há quatro palavras, mas um vocabulário semanticamente integrado e qualquer comutação alterará seu significado.

Para entendermos melhor esta questão acima, a autora Prometi (2013, p. 29) mostra que existem três tipos de vocabulário. O primeiro é aquele onde o falante da língua tem seu léxico, ou seja, o conjunto de palavras que ele conhece na língua (vocabulário fundamental), o segundo vocabulário que é aquele que é o do dia-a-dia, de interação de uso na mídia, nos meios tecnológicos e outros meios, e este vocabulário é o comum. Por fim, o vocabulário três que é aquele mais técnico, que advém das áreas de especialidades, como na música e em outras áreas que apresentam muitos termos técnicos e que necessitam ser divulgados e urgentemente compartilhados com todos para que uma efetiva política de língua seja implementada, assim como complementados através de diferentes processos linguísticos. Faulstich (2012) considera que:

O vocabulário é ampliado ou enriquecido à medida que o falante aumenta sua convivência sociocultural, lê obras diversificadas e procura indagar metodicamente o significado das palavras desconhecidas. Nesse caso, o dicionário é um importante documento de consulta, que auxilia o usuário a compreender os significados da

palavras e a aprender os significados de outras que não fazem parte parte de seu vocabulário, para então usá-las com propriedade.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procurará presenciar o número de situações em que se manifesta o fenômeno a ser estudados que exige um contato direto e constante com o dia-a-dia (LUDKE e ANDRE 1986,p.11). Segundo Tuxi a abordagem qualitativa tem um papel importante na constituição da pesquisa.

Pela abordagem qualitativa é possível entender os processos e as trocas feitas em um determinado contexto social interativo específico. Ao atuar nos espaços pesquisados é possível entender como o participante atua no processo de constituição do que está sendo investigado, permitindo analisar as influências das relações sociais e das interações que ele estabelece com seus pares. (TUXI, 2009, p. 38)

## CAPÍTULO III - ANÁLISE DE DADOS

Nosso objetivo neste capítulo é, em primeiro lugar, identificar em textos escritos pelo aluno marcas linguísticas que demonstram a influência de princípios religiosos; e em segundo lugar, analisar a habilidade argumentativa do aluno em seus textos. Com isto poderemos compreender como crença religiosa e o letramento que a envolve, refletem nas produções textuais do sujeito, em especial nos âmbitos de: vocabulário, argumentação e intertextualidade. Mas antes de adentrarmos nesta perspectiva, é preciso que compreendamos a escrita enquanto prática inserida em um contexto sócio-histórico e exercida pelo sujeito estudado.

### *3.1 Escrita na igreja e na escola*

A escrita é uma das ferramentas mais antigas utilizadas pelo homem com a finalidade de anotar, se expressar, informar, lembrar, entreter e etc. Com o avanço dos meios tecnológicos, as funções da escrita têm se ampliado ainda mais. No caso analisado, que toma por base a escrita na igreja e na escola, vemos que a grafia nestes espaços tem a função de ser uma extensão da memória, fichar textos/ideias, expressar opinião, fazer registro, entre outras. Nosso aluno utiliza a escrita em dois ambientes formativos diferentes, o que faz com que a escrita também seja praticada de forma peculiar em cada uma dessas organizações. No momento da entrevista o aluno pontua:

*Na escola eu escrevo mais e na igreja menos. Na igreja eu escrevo quando vou falar alguma coisa, destacar um versículo, às vezes faço anotação também de alguma coisa.*

Vemos que a escrita é algo historicamente presente nas instituições. Na escola, por exemplo, o sistema escrito gira em torno de cumprir objetivos e responder as atividades desenvolvidas e tudo isto obedece a um planejamento anteriormente estabelecido. As aulas de LP buscam refletir sobre as práticas de linguagem e comunicação, o que compreende o modo de lidar com a língua escrita que, por sua vez, demanda diversos níveis de interação, que devem ajudar ao aluno compreender os códigos que estão presentes no cotidiano. Na igreja, vemos que a preocupação não é com a estrutura linguística, mas sim a mensagem, o que sobressai é o significado

daquilo que está sendo dito, o que coloca a língua apenas como um meio de falar, através da qual a glória de Deus também é expressa.

*A Escola ajuda muito a interpretar os textos que eu leio na bíblia e a leitura da bíblia também me ajuda nisso.*

Observamos nesta passagem que o aluno afirmou a influência da escola na igreja apontando esta como facilitadora da habilidade de interpretar textos. A igreja aparece como um local em que são realizadas práticas de escrita, mas não somente por meio dela, o envolvimento com a crença garante a realização de anotações e leituras por prazer ou curiosidade, como apresentaremos mais adiante.

Em ambos os espaços, o aluno tem a necessidade de ler e escrever. O gênero textual fichamento é apontado como uma prática realizada nos dois espaços. Vale ressaltar que mesmo sendo de uso comum, estes são escritos sobre diferentes situacionalidades, com uma motivação diferente e peculiar, uma vez que os textos escolares costumam ser descontextualizados, instrumentais e tem como objetivo principal analisar o crescimento do aluno na área de Língua. Enquanto na igreja a produção textual tem um contexto de uso, é instigada por uma necessidade que converge no aprimoramento do fiel ou outra. Esta atividade em comum, existente nestes espaços, nos faz compreender que elementos que são apreendidos a partir do letramento religioso são transportados para o ambiente escolar e vice versa. A exemplo desta passagem afirmada na entrevista:

*S: eu escrevo facilmente. Eu saio anotando tudo que vem na cabeça. Depois organizo. Na igreja eu leio os versículos primeiro, coloco tudo que vem na cabeça depois vou selecionando.*

O aluno diz que escreve facilmente e aponta quais estratégias utiliza neste fazer. No que tange sua afirmação, esta facilidade em escrever vem dos estímulos que ele recebe dos ambientes letrados que frequenta e que o instigam a escrever e refletir. Este fator também nos lembra que o aluno faz alusão às oportunidades concedidas na igreja com a apresentação de trabalho que acontece na escola.



Dito isto, iremos agora demonstrar a partir dos dados coletados, como o letramento religioso influencia as atividades de LP, considerando os elementos: vocabulário, argumentação e intertextualidade:

Utilizamos um simulado de redação (SR) que fez parte de um conjunto de avaliações utilizadas pela escola com o meio de testar os alunos para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a escolha e elaboração do simulado competia ao professor de cada disciplina, cabendo ao mesmo realizar as devidas correções. Este estudo pensa o indivíduo não apenas como um aluno centralizado no ambiente escolar, mas como um sujeito participante de espaços sociais, educativos e culturais, por isso optaremos por chamá-lo de sujeito (S).

### **3.2 Vocabulário**

Compreendemos vocabulário como um grupo de palavras conhecidas por um indivíduo. Neste caso, vemos que um determinado sujeito se apropria de palavras que são recorrentes nos cultos e no âmbito letrado religioso no qual ele se insere, e transfere isso para suas atividades de LP.

Começaremos analisando um exame simulado preparatório para o ENEM, produzido anualmente pela escola. Este simulado foi distribuído entre os alunos do ensino médio no segundo semestre do ano de 2016, como uma espécie de avaliação diagnóstica/analítica, visando observar em que o aluno progrediu/regrediu para que assim o ensino se molde para atender as necessidades dos discentes e, sobretudo, para fazer com que a escola alcance um alto índice de aprovados no vestibular. Todo o simulado possui um corpo textual voltado para o modelo do supracitado exame, inclusive na parte de redação. Vejamos o tema proposto neste simulado;

*SR: A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: É possível afirmar que estamos nos habituando tanto à violência que também contribuimos para a sua perpetuação?. Apresente proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.*

Para este tema o sujeito aluno estruturou uma redação de vinte e oito linhas equatras parágrafos. O texto não contém rabiscos, respeita as margens da folha e está bem organizado. Sua introdução é a seguinte:

*S: Há no Brasil e em seus vizinhos uma cultura de desvalorização da **vida do próximo**”, diz o sociólogo Júlio ao tentar explicar os índices alarmantes nos países sul-americanos. Entretanto, a violência urbana é apenas culpa do Estado, ou a população tem uma parcela de culpa também? (grifo nosso)*

A expressão grifada “vida do próximo” não é comumente ouvida ou lida, em determinados ambientes. Fomos à procura de investigar em qual meio ou a partir de quais vivências o aluno escutou esta expressão. Encontramos então em sua bíblia, no primeiro capítulo de Gênesis 9: 5, o versículo “Certamente pedirei contas do sangue de cada um de vós. Pedirei contas a todos os animais e ao homem; a cada indivíduo requererei contas da vida do próximo.” Em outros casos, na bíblia há este modo de tratar o outro como o próximo a exemplo de Tiago 2:8<sup>6</sup>, João 15:12<sup>7</sup>, Mateus 5:43-44, 1 João 4:7-8, Romanos 13:8, Romanos 15:2, Hebreus 13:1-3, Colossenses 3:12-15 (...).

No decorrer da redação do nosso sujeito aluno, outro indício é notado:

*S: Uma frase recentemente muito vista nos meios midiáticos é “bandido bom é bandido morto”, explanando bem que a população apoia a violência e contribui para a mesma, uma frase **hipócrita**, pois quem quer o fim de tanto sangue, mortes e **desamor ao próximo**, não deve desejar que violência se resolva com mais violência. O mundo tem ficado cada vez mais sofrido, não só devido a bandidagem, mas também aqueles que se acostumaram tanto a cenas de morte e sofrimento que perdem a sensibilidade e o bom senso de que as coisas não se resolvem na força. (grifos nossos)*

O amor ao próximo faz parte das ordenanças de Jesus que em várias partes da bíblia é ratificada. Destacamos a passagem, por exemplo, de Tiago 2:8 : “Se vocês de fato obedecerem à lei do Reino encontrada na Escritura que diz: Ame o seu próximo como a si mesmo, estarão agindo corretamente.” Vemos que o ideal de amar o outro é muito forte e presente na religião cristã e acompanhado pela ideia de “agir certo”. De

<sup>6</sup> “Todavia, se estais cumprindo a lei real segundo a escritura: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem.”

<sup>7</sup> “O meu mandamento é este: Amem-se ao próximo como eu os amei.”

acordo com os mandamentos, o diferente não pode ser excluído ou agredido por suas escolhas, mas sim convidado a refletir sobre a palavra bíblica e por conseguinte se converter. O aluno poderia ter utilizado uma ideia de igualdade, respeito, convivência mútua que representa um ideal pacífico e até laico, mas decide, por influência da religião, tratar do amor ao próximo e utilizar dos mesmos termos que estão em sua bíblia, pois vemos que ele não substitui as palavras por sinônimos, ou parafraseia de modo diferente, mas utiliza a terminologia assim como é acostumado a falar e a ouvir na igreja.

A palavra hipócrita, também não é de uso corriqueiro. Ao ter acesso ao livro didático de LP procuramos por essa palavra em lições, textos, questionamentos e vimos que esta palavra não é utilizada no livro. Enquanto na bíblia há vários versículos que condenam a prática da hipocrisia que resulta na condenação do hipócrita. Como, por exemplo, Mateus 7:5 que diz “Hipócrita! tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.” O termo é apresentado várias vezes na bíblia, vemos outras referências: Mateus 23:27-28, Lucas 12:1-2, Provérbios 25:19, Mateus 22:18, Mateus 6:5-6, Mateus 6:16-18. A recorrência desse termo que aparece no livro sagrado, bem como a assuidade do aluno no ambiente religioso nos faz perceber a utilização desta expressão é fruto do letramento religioso.

No que se refere à entrevista, o aluno assume sua inspiração na bíblia no ato de escrever redações, vejamos:

*S: A leitura da bíblia facilita na ampliação do vocabulário, na linguagem e também me ajuda, pois eu já usei citações da bíblia em algumas redações. A leitura, a igreja ajuda na interpretação e me fornece facilidade de interpretar texto.*

*(Entrevista com o aluno)*

O aluno apontou a ampliação do vocabulário e afirma que já chegou a citar versículos da bíblia em uma atividade escrita, vemos também que existe o contínuo diálogo entre a igreja e a escola de forma que uma colabora com a outra. Isso se torna evidente quando pensamos o aluno enquanto um ser completo, encaixado em ambientes que vão além da sala de aula. Tais características que compõem ser humano como ser social, antropológico e que por sua vez não consegue desmembrar-se de sua bagagem cultural em quaisquer que seja o espaço, faz com que se transporte de um para outro lugar saberes diversificados, conhecimentos, opiniões, formas de se relacionar etc.

Para finalizar sua redação, cujo enunciado foi apresentado na página 38, o aluno escreve:

*S: Portanto, mesmo ante a insegurança gerada por um código penal atrasado e ineficaz á nossa realidade, a educação e a inclusão dos menos favorecidos á sociedade são as únicas saídas eficientes e exequíveis, sem que haja necessidade voltar ao século XV, onde a **vida do semelhante** valia tanto quanto algumas moedas.*

Usar o termo “semelhante” para designar o outro é algo típico da fé cristã. Ser semelhante ao outro conota a ideia que o fiel jamais deve querer sobrepor-lo, ter inveja, ser egoísta, uma vez que, segundo o ideal cristão, somos todos iguais perante Deus. A ideia de semelhança também é ressaltada na bíblia quando se fala que todos temos que buscar a semelhança com Cristo. A exemplo o trecho: Gênesis 1:26. No final do texto o aluno também deixa clara a ideia de que a vida humana tem um alto valor, algo que é defendido na passagem “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16).

### **3.3 Argumentação**

Primeiramente é necessário que se diga que argumentar é a capacidade de relacionar fatos, teses, estudos, problemas e possíveis respostas com o intuito de embasar determinado pensamento (Ribeiro, 2009). No simulado de redação, mencionado anteriormente, o aluno começa seu texto da seguinte forma:

*S: Há no Brasil e em seus vizinhos uma cultura de desvalorização da vida do próximo”, diz o sociólogo Júlio ao tentar explicar os índices alarmantes nos países sul-americanos. Entretanto, a violência urbana é apenas culpa do Estado, ou a população tem uma parcela de culpa também?*

Vemos neste texto uma boa articulação das ideias, a organização frasal é coerente de forma que o texto torna-se um encadeamento de ideias que produzem sentido. A citação é colocada entre aspas como mandam as normas e estasmantêm coerência com o questionamento que ele elabora posteriormente. Outro aspecto notável é que a passagem do sociólogo apontada no texto remete a um especialista social que possui um saber legitimado por ter passado pela formação acadêmica, encaixar este

sujeito no corpo do texto dá respaldo as suas ideias e validade a sua redação, ou seja, é um argumento de autoridade que fortalece a tese do aluno em questão.

O aluno, ao utilizar um trecho deste estudioso, parece ter consciência do respaldo que isto oferece a suas ideias, buscando, assim, convencer o leitor a partir da argumentação de que no Brasil existe uma prática e uma ideologia de desvalorização da vida alheia. Quando fizemos a pergunta (P) número um, o aluno pontua:

*P: Em que forma de texto você acredita que a igreja te ajuda mais?*

*S: Em uma redação argumentativa, principalmente quando é algo que envolve religião.*

*(Entrevista com o aluno)*

Quando essa pergunta foi feita, o aluno já tinha afirmado a influência da religião em seus textos. Não por acaso o aluno cita a argumentação, pois observando a cultura protestante vemos que, na igreja, aquilo que se fala tem que ter respaldo bíblico, do contrário perde credibilidade. Disso surge mais uma evidência que um letramento influi no outro.

Nesta direção, munidos pela dúvida se o aluno costumava transitar por outros textos para construir o seu, ou fortalecer aquilo que defende, tivemos acesso ao livro didático da disciplina, observamos no sumário (in anexo) e nos capítulos apresentados que o conteúdo não explora de forma sistêmica e analítica a intertextualidade. Na entrevista perguntamos ao aluno a seguinte questão:

*P: Você estudou intertextualidade na escola? Ou você traz isso da igreja ou de outro ambiente?*

*R: Nos dois ambientes eu vi intertextualidade. Na escola, intertextualidade eu só vejo nas aulas de gramática, na igreja eu vejo em todo culto.*

*(Entrevista com o aluno)*

Isso nos faz inferir que este método é fortalecido na igreja, onde o aluno é conduzido e estimulado a relacionar textos bíblicos com fatos cotidianos ou com experiências vividas todas as vezes que vai ao culto.

Desta forma, percebemos a habilidade que o aluno tem de relacionar texto com contexto, isto é característico das pregações e oportunidades recebidas na igreja, onde o membro ao ser convidado para expressar-se, abre a bíblia e faz uma citação, mas esta nunca vem isolada. Vemos que os fiéis têm uma notória capacidade de relacionar textos

com a vida cotidiana, com aquilo que eles vivem, presenciam, experienciam. Esse fator tem sido um marco na escrita do sujeito e apareceu em todos os textos analisados.

O fato de possuir uma ideia clara sobre determinado tema, contribui para o leitor de suas produções textuais sentir mais segurança naquilo que está lendo, o que facilita também a correção realizada pelo professor, que, mesmo que não acredite nos mesmos princípios, percebe que o aluno possui conhecimento que embasa a ideologia defendida.

Outro fator é que a argumentação é muito utilizada pelos seguidores evangélicos, pois estes procuram convencer as outras pessoas que se está falando a verdade e assim conduzi-las para a convenção. Até com seus pares, as pregações e oportunidades buscam apontar e mostrar ao público a existência e a soberania de seu Deus. Habilidades de falar, persuadir (alguém ou a si mesmo) a aceitar uma ideia ou admitir fatos são realizadas por meio de razões ou argumentos (Ribeiro, 2009, p.10) bem fundadas no texto bíblico. Outro meio bastante utilizado é o de envolver ou ser envolvente pela força dramática, de textos antigos, narrativas, tramas e histórias da vida real. Todos estes meios são transportados para outros textos e dão respaldo a estratégias de escrita. Vejamos:

*S: A “ cultura de desvalorização da vida” no Brasil, começa ainda no Brasil Colônia, onde os dominadores portugueses, cheios de etnocentrismo, usaram da força e do medo para dominar os nativos da ‘terra de Vera Cruz’ e os tornar seus escravos. Então a violência no Brasil é uma questão histórica perpetuada na colonização e ampliada atualmente com a omissão do estado e co-participação do povo.*

Para embasar sua argumentação o aluno utiliza de fatos respaldados na história do Brasil. Vemos a recorrência da intercepção de outros saberes, textos, fatos para fortalecer um ideal defendido este tipo de escrita norteia suas atividades de redação na escola.

### **3.4 Intertextualidade**

A intertextualidade consiste na influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida, é a presença de um texto em outro texto (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2012, p.12). Na redação do nosso aluno procuramos perceber se ele demonstra ter habilidade com a mobilização de textos na construção de

sua opinião. Esta intertextualidade pode ser implícita, quando o aluno não deixa claro que seguiu outros textos, mas conseguimos perceber a influência de outros escritos, ou intertextualidade explícita quando o aluno faz clara menção do conteúdo sobre o qual se baseia.

Encontramos no livro didático do nosso sujeito uma passagem na disciplina de literatura que apresentava a obra inaugural do realismo brasileiro, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881. Começa com o capítulo intitulado “óbito do autor”. Com base neste texto são feitos dois questionamentos (in anexo) o primeiro pede para analisar qual a diferença da afirmação que ele não é “um autor defunto, mas um defunto autor”. O aluno responde “Eu não tenho ideia”. Vemos que ao acionar seus conhecimentos prévios e até mesmo o próprio recurso textual que compõe o enunciado, o aluno não consegue preencher a dúvida que a questão gerou. Transcreveremos agora a segunda pergunta (P) e o modo como o aluno escreveu a resposta à esta pergunta presente neste enunciado:

P 02. O trecho apresenta uma ironia em relação à Bíblia. Como esta ousadia se manifesta?

*S: Em forma de comparação seu livro com o pentateuco de Moisés com o livro de Machado Assis, a forma como foram escritos.*

Ao contrário do que aconteceu na primeira questão, na segunda o aluno encontrou respaldo para escrever sua resposta. Neste momento enxergamos os espaços letrados, em especial o religioso, que o aluno frequenta influenciando em seu desenvolvimento nas aulas de Língua Portuguesa. Sobre isso o aluno responde na entrevista:

*P: Em que condições esta resposta foi dada?*

*S: Eu respondi com base no que eu sabia.*

*P: Sua professora te ajudou?*

*S: Não.*

*P: Você consultou a bíblia ou pesquisou em algum site?*

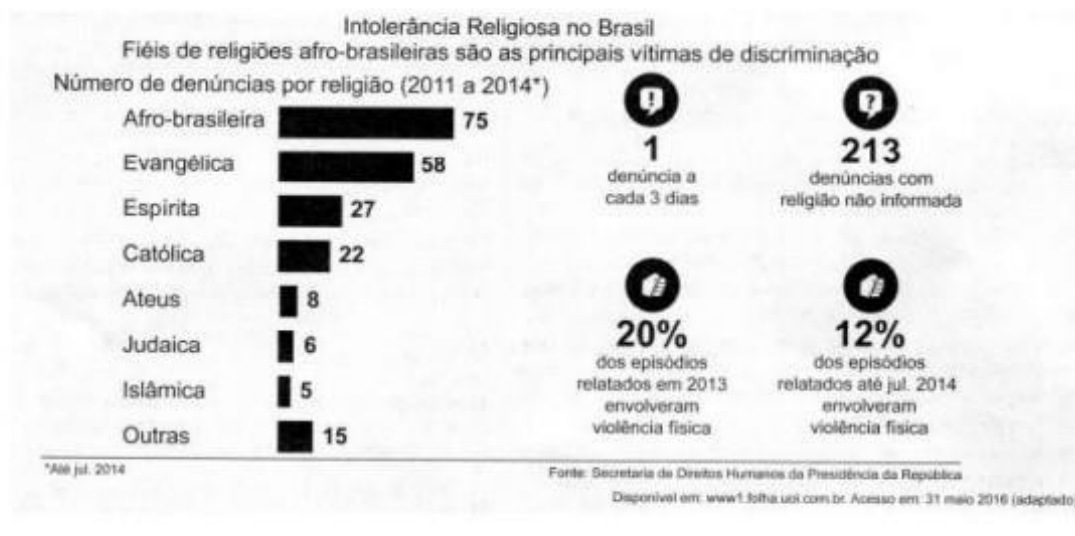
*S: Não, eu tava na escola quando respondi. Isso eu sei por que eu leio a bíblia né?*

Vemos então que é através do conhecimento obtido por meio do letramento religioso, que o aluno conseguiu responder a questão.

Observamos agora esta mesma categoria em uma redação escrita pelo sujeito no ENEM 2016 (in anexo). Esta tem uma peculiaridade: A proposta da mesma gira em torno da religião tendo como tema motivador “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”. Antes de analisarmos o que foi escrito, é necessário entendermos a estrutura dos textos motivadores e como eles sugeriam elementos para o desenvolvimento do tema.

Foram quatro textos motivadores TODOS apresentavam um ideal de defesa e de liberdade religiosa. O item IV apresentou um quadro da intolerância religiosa no Brasil, onde a religião evangélica foi considerada como a segunda mais discriminada. Vejamos que dados foram apresentados:

#### TEXTO IV



Seguindo a influência dos textos motivadores, o aluno apresenta uma atitude defensiva da liberdade religiosa, fato que se dá também pela sua ser incluída como uma das que mais sofrem discriminação. No primeiro parágrafo da redação escreve ele:

*S: A constituição federal de 1988 garante como um dos direitos civis dos cidadãos brasileiros, o livre exercício de quais quer crenças de religiões, além de declarar o Brasil como um país laico, ou seja, sem religião. No entanto, o preconceito contra outras religiões tem uma raiz antiga e profunda que dificulta a resolução de tal questão e priva várias pessoas da plena liberdade religiosa que lhes é garantida por lei.*



Nesta passagem vemos que o aluno se baseia em outros textos, como por exemplo, na constituição federal de 1988, isto reflete uma intertextualidade que é também algo presente nos cultos evangélicos. Transitar por textos da bíblia, mencionar um determinado capítulo e versículo para explicar um conteúdo é algo rotineiro neste âmbito.

O aluno escreve 22 linhas organizadas em três parágrafos que ordenam começo, meio e fim. O parágrafo acima tem caráter introdutório onde percebemos que o aluno utilizou de algumas informações dos textos base, mas também não deixou de imprimir sua insatisfação com o preconceito que existe e que recaí de modo simultâneo sobre sua crença. No próximo parágrafo, ele diz:

*S: O radicalismo religioso está infelizmente presente em todas as crenças, todas as crenças afirmam que são as mais corretas e as melhores, cada uma tem (ilegível), práticas e ensinamentos e em meio a uma gama tão ampla de religiões presentes no Brasil, diversos fundamentalistas e religiões se acham no direito de desvalorizar a crença alheia? Por acreditar ser o detentor da razão e da verdade absoluta.*

Nesta passagem vemos que o aluno critica o desrespeito com as religiões. Na entrevista o aluno fala da contribuição de sua religião na formação deste pensamento:

*S: Minha religião contribuiu porque muito se fala em respeito, mas a religião que eu sigo fala muito mais, por que é o que pregamos o respeito aos outros... o amor. Sempre que é oportuno procuro colocar isso nas redações.*

*(Entrevista com o aluno)*

Dito isto, vemos que da religião o aluno procura absolver valores morais e isto é transportado para qualquer que seja o espaço de escrita, pois é algo que faz parte da ideologia de vida que ele defende. Vemos que os textos que mais apresentam esse cunho são os redacionais de caráter dissertativo-argumentativo. Em entrevista o aluno afirma que aquilo que escreve em seus textos são fruto do aprendizado na igreja e da vertente que a mesma defende:

*S: Minha religião ajudou porque, eu não sei, se eu fosse de outra religião poderia ter criticado os religiosos.*

*(Entrevista com o aluno)*

Neste momento o aluno deixa transparecer que a ideologia cristã, entendendo esta como divulgadora da paz e amor ao próximo, esteve presente em sua escrita, de modo que ele apresentou uma ideia de defesa de todos, vemos aí uma intertextualidade implícita, o aluno ainda considera que se pertencesse a outros grupos e estes fossem radicalistas, deterministas, exclusivistas, outras ideias teriam emergido. Com isto, vemos que a sua fé impacta na sua desenvoltura textual e favorece seu aprendizado. Na primeira redação que observamos intitulada “bandido bom é bandido morto?” o aluno constrói um texto baseado em uma estrutura adequada sem romper os limites do espaço de escrita, obedece às características do gênero, apresenta uma organização frasal satisfatória, que demonstra articulação e faz o texto ter uma sucessão de ideias que progridem para um final (conclusão). Outro fator, é o vocabulário. Este demonstra também ser satisfatório, pois o aluno não apresenta repetição de palavras e transporta terminologias que são de uso predominante em seu espaço religioso na escrita redacional, como por exemplo, a ideia de “próximo” para designar a pessoa, o outro.

No simulado de redação o aluno do modo que apresentou, organizou suas ideias no corpo textual e defendeu aquilo que acreditava, conseguiu obter a nota máxima da atividade. Mais uma vez o letramento religioso impactou sua desenvoltura frente a uma atividade de Língua Portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é originária das leituras acerca das condições de inserção da cultura escrita no Brasil, a partir delas tivemos acesso à informação de que a religião é uma impulsionadora do letramento das pessoas e um dos fatores que contribuem para o aprendizado da escrita. Deste modo, esta pesquisa se constitui como uma das formas que encontramos de saciar nossas curiosidades, dúvidas, indagações acerca de sua influência religiosa no desenvolvimento escolar do sujeito estudado.

Ao final da análise, verificamos que nossos objetivos de pesquisa foram alcançados, conduzindo à conclusão que o letramento religioso influencia na aprendizagem de Língua Portuguesa. Os dados nos mostraram que os modos de interação textual presentes nas igrejas, dentre os quais a leitura de livros, distribuição de folhetos, realização de cantos, subsidiam modos de participação e inserção que são historicamente construídas por grupos religiosos e especialmente pelo grupo protestante.

Em relação aos textos protegidos pelo aluno, verificamos que os elementos linguísticos textuais que consistem em argumentação, vocabulário e intertextualidades são categorias trabalhadas no ambiente escolar que sofrem influências do letramento religioso, pois como mostrou a análise, a presença de recursos de origem religiosa foi identificada.

Enfim, o sujeito pesquisado traz para seus textos aquilo que ele é, e como se entende no mundo, expressando uma condição de pensamento que é uma forma pela qual interfere na sociedade em que vive.

**REFERÊNCIAS**

- \_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. O. **Tarefas da Educação Linguística no Brasil**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.
- BAKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BATISTA, A.A.G. e RIBEIRO, Vera Masagão. **Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção**. Educação e Realidade, v. 29, n.2, p. 89-124, jul/dez 2004.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. O vocabulário na pesquisa e no ensino. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Estudar vocabulário: como e para quê?** Campina Grande: Bagagem, 2014. p.11.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BRITO, Luiz Percival Leme. **Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento**. Calidoscópico, v. 5. n. 1. p.24-30, jan/abr 2007.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**/ Sérgio Roberto Costa. – Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008.
- DOLZ, J.; PASQUIER, G.; BRONCKART, J. P. **A aquisição do discurso: emergência de uma competência ou aprendizagem de capacidades linguageiras diversas**. Estudos de Linguística Aplicada, n. 89, p. 25-35, 1993.
- FAULSTICH, Enilde. **A terminologia entre as políticas de língua e as políticas lingüísticas na educação brasileira**. 2013. (inédito)
- HOUAIS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo. *A Linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

JUNG, Neiva Maria e SEMECHECHEM, Jakeline. Artigo: **Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais**. Universidade Estadual de Maringá. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.6, n.2 (17-37), jul.-dez 2009.

KALMAN, J. 2009. O acesso à cultura escrita: a participação social e a apropriação de conhecimentos em eventos cotidianos de leitura e escrita. In: I.B. OLIVEIRA; J. PAIVA (orgs.), **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, DP etAlli, p. 72-95.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: **Os significados do letramento**. 2.ed. Campinas: Mercado das letras, 2012.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I.G.V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore G.V e TRAVAGLIA, Luiz C. **Texto e Coerência**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1989

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber**: manual de metodologias da pesquisa em ciências humanas/ Christian e Jean Dionne; trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri – Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEA MR, STREET, BV. **A escrita do aluno no ensino superior**: uma abordagem de literacia acadêmica. Estudos em Ensino Superior. 1998; 23 (6): 157-172.

LEA MR, STREET, BV. **Escrita como alfabetização acadêmica**: compreensão de práticas textuais ensino superior. Em: Candlin CN, Hyland K, editores. Escrita: textos, processos e Práticas. Londres: Longman; 1999. p. 62-81.

LEAL, Audria Albuquerque. Vocabulário e aspectos linguísticos do Português em livros didáticos. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Estudar vocabulário: como e para quê?** Campina Grande: Bagagem, 2014. p.11.

MARCUSCHI, L.A. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. Anais Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino. Maceió: UFAL, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA; Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARINHO, Marildes. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcenei Teodoro. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 68-100.

MEY, J. **As vozes da sociedade**: seminários de pragmática. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**/ Maria do Rosário Longo Mortatti. – São Paulo: UNESP, 2004.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder**: crítica ao senso comum em educação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PROMETI, D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: Criação de sinais dos termos da música. Dissertação de Mestrado, PPGL/UnB, 2013

RIBEIRO, Roziane Marinho. A construção da argumentação oral em contexto de ensino/ Roziane Marinho Ribeiro. – São Paulo: Cortez, 2009. –( Coleção linguagem & linguística)

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROSOWSKY, Andrey. **Leituras celestiais**: alfabetização litúrgica em um contexto. Multilingual Matters, 2008.

SANTOS, Leonor W. dos; GENS, Rosa (org.). **Literatura infantil e juvenil na prática docente**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2012.

SILVA, E.M.; ARAÚJO.D.L. **Letramento: um fenômeno plural**. Scielo. Belo Horizonte. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2012nahead/aop0812>> Acessado em 01/03/2017 às 15:03h.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**/ Magda Soares. – Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / tradução Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filologia 7.pmd. 23/7/2007. p.465-488. Disponível em <file:///C:/Users/Principal/Downloads/59767-77204-1-PB.pdf> Acessado em 28/02/2017 às 14:00h.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva, 1928 – **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação/ Augusto Nibaldo Silva Triviños. – São Paulo: Atlas, 1987.

TUXI, Patrícia. **A Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental**. Brasília: UNB, 2009. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2009.

VIDICH, A. e LYMAN, S. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ANEXOS



## ANEXO A-Redação produzida pelo aluno no ENEM 2016.

1	A Constituição Federal de 1988, garante como um dos
2	direitos básicos das cidadãos brasileiros, a livre expressão de qual
3	quer crenças ou religiões, além de declarar o Brasil como um
4	estado laico e criminalizar o preconceito baseado em religiões.
5	No entanto, a intolerância religiosa não é uma questão
6	que se resolve tão facilmente, já que se trata de uma
7	questão "cultural" e antiga, proveniente de nossos colonizadores.
8	Cada religião tem seus próprios pontos de vista, prin-
9	cípios e ensinamentos, e mesmo com uma ampla gama
10	de religiões no Brasil, algumas crenças predominam, em mi-
11	nistera de fé, tal como outras religiões, e entre predominantes,
12	incluindo com um radicalismo religioso, tem levado sistematicamente
13	féis a acreditar que detêm a verdade absoluta, e portan-
14	ta, podem se dar ao direito de desprezar e desrespeitar a
15	crença alheia.
16	O Brasil é um país que tem uma grande herança cul-
17	tural, tendo a maioria dessas diversas culturas, advindas
18	da época da colonização, <sup>cultural</sup> dos portugueses, indígenas e africanos
19	afirmados. Uma das heranças advindas dos portugueses é o
20	preconceito com a religião alheia, já que os portugueses deri-
21	garam os nativos e os africanos afirmados a adotar a religião
22	cristã, que <sup>era</sup> a religião <del>estabelecida</del> oficial da então brasilei-
23	ra até décadas atrás.
24	Portanto, para combater a intolerância religiosa no Brasil
25	é preciso, além de assegurar a liberdade religiosa e punir os
26	preconceituosos, é necessário disseminar o respeito, mostrando
27	que não há verdade absoluta, e que todos os crenças podem
28	coexistir sem que haja nenhuma perseguição de direitos ou a
29	ferir aos próximos.
30	

## INSTRUÇÕES

1. Transcreva a sua redação com letra legível e com boa grafia, transferindo ao material disponibilizado.

## ANEXOS B- Simulado de redação escrito em sala de aula

Turma: 2º Ano Curso: \_\_\_\_\_ Unidade: \_\_\_\_\_

**TIPO G1**

**Observação**  
Será anulada a redação que se enquadrar em qualquer um dos seguintes casos:

- fugir ao tema proposto;
- não atender ao tipo dissertativo-argumentativo;
- não tiver mais do que 8 linhas;
- ultrapassar o limite de 30 linhas;
- não estiver passada a limpo com caneta esferográfica preta;
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos;
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada com o tema proposto.

**Quadro de Avaliação**

Competências	Níveis						
	0	I	II	III	IV	V	
	Proficiência	Muito baixa ou ausente	Baixa	Mediana	Bom	Muito bom	Excelente
Pontuação	ZERO	40	80	120	160	200	
I. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.							X
II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.							X
III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.							X
IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.							X
V. Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos.							X

Nota global = Soma dos pontos = \_\_\_\_\_

*muito bom*

Corretor: \_\_\_\_\_

*Nota 5,0  
cinco*

*$\Delta = 16 - 4$   
 $\Delta = 12$*

## Proposta de redação

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **É possível afirmar que estamos nos habituando tanto à violência que também contribuimos para a sua perpetuação?** Apresente proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do seu ponto de vista.

### TEXTO I

Num tempo de violências extremas, além do mal que está na violência mesma dos fatos há o mal de nos habituarmos a ela. A partir daí, entramos na rotina da violência, assimilamos sua "lógica" e, sem que percebamos, tornamo-nos também violentos. É quando toda delicadeza parece ridícula, toda manifestação de sensibilidade é entendida como fraqueza. O maior combate que se pode fazer contra a violência começa pela recusa em abrigá-la dentro de nós mesmos.

CARRERA, Oneyda de Assis. Disponível em: <[www.puc-campinas.edu.br/webiste](http://www.puc-campinas.edu.br/webiste)>.

### TEXTO II

"Existe uma espécie de cultura da violência que impera em diversos âmbitos de nossas vidas, como em casa, na escola, nas ruas", afirma o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, autor de Mapa da Violência e ex-diretor de Pesquisa do Instituto Sangari. Ele acredita que a situação da violência no Brasil é a de pandemia.

"A epidemia é um surto eventual, a pandemia é um problema estrutural e mais difícil de cuidar. A violência entre nós está incorporada", destacou o sociólogo que já foi coordenador de Pesquisa e Avaliação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil.

Há quase uma década e meia fazendo mapas da violência no Brasil, o sociólogo avalia que a identificação do brasileiro como "homem cordial" não se sustenta pelos dados estatísticos. "A sociedade brasileira é tão violenta quanto qualquer outra latino-americana", diz, contrariando a interpretação mais usual do termo cunhado pelo historiador Sérgio Buarque de Hollanda (morto em 1982).

No livro Raízes do Brasil (de 1936), considerado clássico das ciências sociais no Brasil, Sérgio Buarque cria o conceito de cordialidade. O termo, no entanto, é erroneamente usado no senso comum como sinônimo de gentileza e solidariedade – padrões que não são identificados nos dados avaliados no Mapa da Violência, elaborado há 14 anos por Jacobo. "Há, no Brasil e em outros países vizinhos, uma cultura de desvalorização da vida do próximo. Em países de outros continentes, os conflitos são resolvidos com negociação", compara o sociólogo, que é argentino.

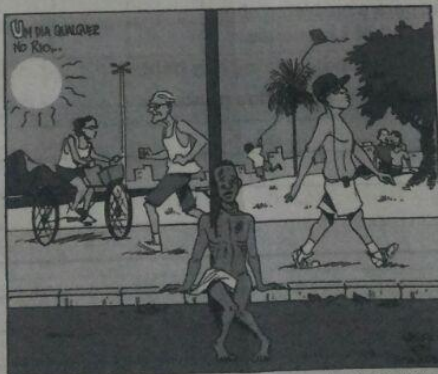
Disponível em: <<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil>>.

### TEXTO III

O Brasil se contorce por imagens, cada vez mais fortes. Elas parecem gravar-se a fogo nas pupilas dos receptores, criam debate e, em seguida, são esquecidas diante da brutalidade da próxima foto. Assim aconteceu com aquela imagem do policial ferido por uma pedra durante as manifestações de junho, com o rosto roxo de uma jornalista ferida por uma bala de borracha, com as decapitações no presídio de Pedrinhas, no Maranhão, ou com as cacetadas dos policiais nos negros da periferia que curtiam um rolê em um shopping de São Paulo.

A última imagem poderosa, que rememora também uma outra época, a da escravidão que durou até 1888 no Brasil, mostra um adolescente negro, pelado, espancado e esfaqueado na orelha, amarrado a um poste pelo pescoço com uma trava de bicicleta. O rapaz, sem nome conhecido e com três passagens por roubo segundo a polícia, foi amarrado à vista de todos por um suposto grupo de justiceiros na Zona Sul do Rio. Foi apenas uma mulher, Yvonne Bezerra de Melo, de 66 anos, quem ligou para os bombeiros para libertá-lo. Yvonne, embora defendida por muitos, foi insultada por meio das redes sociais por ter libertado um bandido.

Em todas essas imagens o debate acaba sendo o mesmo. De um lado se clama para que essa – ou aquela – foto não se repita nunca, porque lembra a escravidão, a ditadura, e que não tem lugar em uma democracia. Do outro ainda se ouve o velho discurso de "bandido bom é bandido morto".



Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629878\\_904406.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629878_904406.html)>.

Título: Bandida quem é bandida morto?

"Há no Brasil e em suas origens uma cultura de desvalorização da vida do prisioneiro", diz o sociólogo Tullio Tassinari ao tentar explicar os índices alarmantes nos países sul-americanos. Entretanto, a violência vilana é apenas culpa do estado? ou a população tem uma parcela de culpa também?

A "Cultura de desvalorização da vida" no Brasil, começa ainda no Brasil colonial, onde os dominadores portugueses, de origem etnocêntrica, usaram da força e da malícia para dominar os nativos da 'terra de São-Cruz' e os terríveis seus escravos. Então, a violência no Brasil é uma questão histórica, perpetuada na colonização e amplada atualmente com a omissão do estado e a não-participação da parte.

Uma frase recentemente muito usada nos meios midiáticos é "bandida quem é bandida morto", explorando quem que a população opõe a violência e contribui para o mesmo, uma frase hipocrítica, pois quem quer o fim de tanta sangue, mortes e ~~opõe~~ desamor ao prisioneiro, não deve de esperar que violência se resolva com mais violência. O mundo tem ficado cada vez mais punitivo, não há dúvida à liberdade, mas <sup>também</sup> aqueles que se acostumaram tanto à cultura de morte e sofrimento que perdem a humanidade e a honra de quem os <sup>nos</sup> ~~liber~~ <sup>nos</sup> ~~resarcem~~ no processo.

Então, mesmo ante a insegurança gerada por um código penal obsoleto e ineficaz à nossa realidade, a educação ~~deve nos~~ e a inclusão dos meios prisionais à sociedade são os índices verdadeiramente essenciais e esquecidos, não que haja a necessidade voltar ao século XV, onde a vida do remilante valia tanto quanto algum morto.

## ANEXO C- Atividade de literatura respondida em sala de aula

**nesta aula**

**Machado de Assis: a construção do narrador**

- O Realismo se introduz na literatura brasileira na década de 1880, quando a sociedade do país passa por uma série de transformações político-sociais, como a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da República (1889).
- O escritor mais importante do Realismo no Brasil, e seguramente o maior nome da literatura brasileira de todos os tempos, é Machado de Assis, escritor polígrafo, ou seja, que se dedicou a vários gêneros literários, mas que se expressaria de forma mais completa (em termos de estilo e profundidade psicológica) em sua prosa de ficção, que inclui seus contos e romances.
- A obra machadiana costuma ser dividida em duas fases.
 

Na primeira, considerada "imatura", mais próxima do Romantismo, Machado publica quatro romances: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Jaiá Garcia* (1878).

Na segunda, chamada de "madura", ele conquista um refinamento de análise e escrita, uma visão inovadora e profunda sobre a vida brasileira, além de incorporar as principais características do Realismo. Apesar da ligação com essa "escola" literária, sua obra nunca se vinculou plenamente a uma única tendência, haja vista sua originalidade e independência de estilo e pensamento, o que o faz ser considerado **universal**. O nível maior de seus escritos se concretizou em romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).
- O estilo machadiano, perceptível em seus livros da fase madura, caracteriza-se pela digressão, pela ousadia artística, pelo diálogo com o leitor, pelo pessimismo, pela ironia, pelo humor fino. Além disso, sua obra é um constante diálogo com os maiores autores da literatura ocidental, servindo, assim, tanto como cartão de visita para conectá-los quanto como renovação das questões existenciais, sociais, etc.) por eles levantadas.

Os romances mais conhecidos e relevantes da obra machadiana são: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), obra revolucionária em que o "defunto autor" Brás Cubas faz um balanço pessimista da humanidade; *Quincas Borba* (1890), história da riqueza e da loucura de Rubião, apaixonado por Sofia, uma mulher casada; e *Dom Casmurro* (1900), narrativa em que Bentinho tenta culpar a esposa Capitu pelo fracasso de seu casamento.

**em classe**

Considerada a obra inaugural do Realismo brasileiro, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, começa com o seguinte capítulo, intitulado "Óbito do autor":

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa<sup>1</sup> foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante<sup>2</sup> e mais novo. Moisés<sup>3</sup>, que também contou a sua morte, não a pôs no introito<sup>4</sup>, mas no cabo<sup>4</sup>; diferença radical entre este livro e o Pentateuco<sup>5</sup>.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

<sup>1</sup> **campa**: túmulo, sepultura.  
<sup>2</sup> **galante**: elegante.  
<sup>3</sup> **introito**: começo, princípio.  
<sup>4</sup> **cabo**: parte final, fim.  
<sup>5</sup> **Pentateuco**: os cinco primeiros livros bíblicos do Velho Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterônimo.

1. Qual o sentido da afirmação, feita pelo narrador, de que ele não é "um autor defunto, mas um defunto autor"?

H5  
 H1  
*Eu não sou tanto idiota!*

2. O trecho apresenta uma ironia em relação à Bíblia. Como esta ousadia se manifesta?

RS Em forma de comparação, faz do meu livro como a Pentateuco da Bíblia em o livro de M. de Assis, o poema como poema do critério.

#### TEXTO PARA A QUESTÃO

(...) o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

3. Machado de Assis consagrou o uso da digressão na literatura brasileira. Tal recurso de estilo consiste em um afastamento do eixo da narrativa, muitas vezes servindo a discussões metalinguísticas, interpelações irônicas aos leitores, reflexões, etc. Identifique no trecho lido a forma como o narrador faz referência às digressões e demonstre de que maneira ele se relaciona com os leitores da obra.

#### em casa



#### Consulte

Livro 2 – Unidade III – Capítulo 7  
Caderno de Exercícios 2 – Unidade III – Capítulo 7

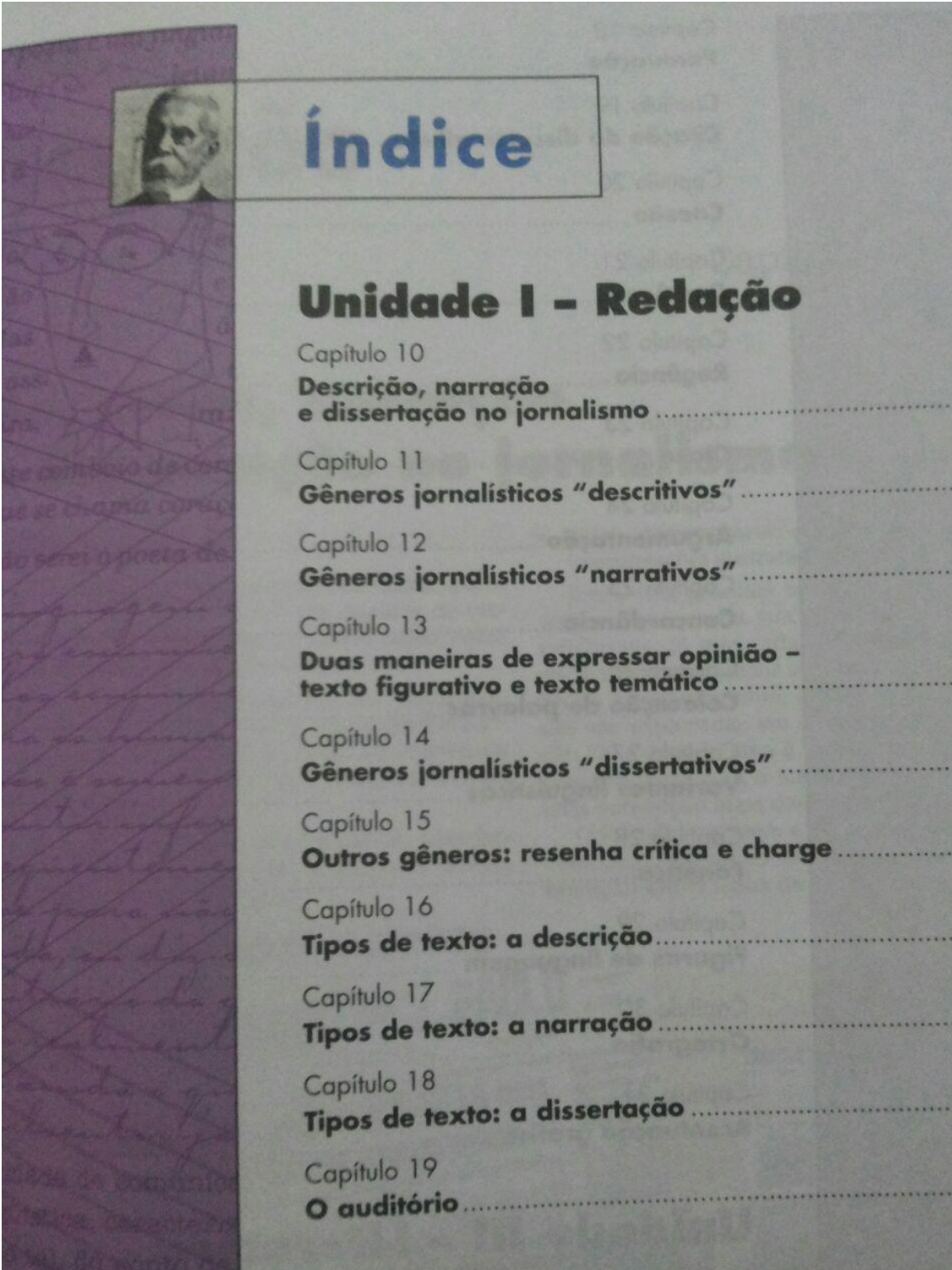
#### Tarefa Mínima

1. Leia o "nesta aula".
2. Faça os exercícios 16, 17 e 18.

#### Tarefa Complementar

1. Leia os itens 10 e 11.
2. Faça os exercícios 19 e 20.

**ANEXO D- Índice do livro didático de Língua Portuguesa. Volume único: Redação e gramática**



**Índice**

**Unidade I - Redação**

Capítulo 10  
**Descrição, narração e dissertação no jornalismo** .....

Capítulo 11  
**Gêneros jornalísticos "descritivos"** .....

Capítulo 12  
**Gêneros jornalísticos "narrativos"** .....

Capítulo 13  
**Dois maneiras de expressar opinião - texto figurativo e texto temático** .....

Capítulo 14  
**Gêneros jornalísticos "dissertativos"** .....

Capítulo 15  
**Outros gêneros: resenha crítica e charge** .....

Capítulo 16  
**Tipos de texto: a descrição** .....

Capítulo 17  
**Tipos de texto: a narração** .....

Capítulo 18  
**Tipos de texto: a dissertação** .....

Capítulo 19  
**O auditório** .....

<b>Dois maneiras de expressar opinião - texto figurativo e texto temático</b> .....	19
Capítulo 14	
<b>Gêneros jornalísticos "dissertativos"</b> .....	22
Capítulo 15	
<b>Outros gêneros: resenha crítica e charge</b> .....	26
Capítulo 16	
<b>Tipos de texto: a descrição</b> .....	30
Capítulo 17	
<b>Tipos de texto: a narração</b> .....	35
Capítulo 18	
<b>Tipos de texto: a dissertação</b> .....	41
Capítulo 19	
<b>O auditório</b> .....	45

## **Unidade II - Gramática e Texto**

Capítulo 16	
<b>Texto dissertativo: mecanismos de leitura</b> .....	49
Capítulo 17	
<b>Sintaxe do período composto</b> .....	56



Capítulo 18	Pontuação	.....
Capítulo 19	Citação do discurso alheio	.....
Capítulo 20	Coesão	.....
Capítulo 21	Coerência	.....
Capítulo 22	Regência	.....
Capítulo 23	Crase	.....
Capítulo 24	Argumentação	.....
Capítulo 25	Concordância	.....
Capítulo 26	Colocação de palavras	.....
Capítulo 27	Variantes linguísticas	.....
Capítulo 28	Fonética	.....
Capítulo 29	Figuras de linguagem	.....
Capítulo 30	Ortografia	.....
Capítulo 31	Acentuação gráfica	.....
<b>Unidade III - Literatura</b>		
Capítulo 7	O Realismo-Naturalismo	.....
Capítulo 8	A literatura na virada do século XIX para o século XX	.....
Capítulo 9	Modernismo	.....

## Unidade I

# Reda

## Descri

## e diss

### 1 INTROD

A esta altura  
noção da exist  
to: a descriçã  
disso, tem ta

- o texto de  
rísticas d  
do suas p  
seja, con  
grande
- o texto  
maçõe  
de um

### 2 OS

## **Apêndice A-ENTREVISTA COM O ALUNO**

### **1. O que você escreve na igreja e na escola?**

R: Na igreja não costumo escrever muito não. Escrevo quando vou destacar um versículo, as vezes faço anotação também.

### **2. Qual a diferença da escrita na igreja para a escola?**

R: Né uma coisa muito diferente não, porque nos dois eu costumo fazer fichamento, e tal, para organizar melhor.

### **3. Você acha que uma escrita colabora com a outra?**

R: É de certa forma a escola ajuda muito a interpretar melhor os textos que leio na bíblia e também as vezes eu uso alguma palavra que eu acho na bíblia em redações.

### **4. Que dificuldade ou facilidade você encontra para escrever os textos que você escreve na escola?**

R:Escrevo muito facilmente. Eu saio anotando tudo que vem na cabeça e depois organizo. Faço isso na escola e na igreja.

### **5. Como funciona esta técnica?**

R:Eu leio o versículo primeiro eu coloco tudo que vem na cabeça e depois vou organizando ou tirando aquilo que acho que não tem a ver.

### **6. Você acha que os textos e atividades na igreja contribui para a escola?**

R: A leitura da bíblia facilita na ampliação do vocabulário, na linguagem etambém me ajuda, pois eu já usei citações da bíblia em algumas redações. A leitura, a igreja ajuda na interpretação e me fornece facilidade de interpretar texto.

### **7. Os textos da igreja ajudam em que e porque na escola?**

R: A leitura da igreja, ele me ajuda, porque, além da interpretação né? Porque eu tenho que interpretar os textos da bíblia, me ajuda nessa questão na facilidade de interpretar texto e no momento de escrever.

### **8. Em que texto você acha que sua atividade religiosa ajuda mais?**

R: Com certeza numaredação argumentativa, principalmente que inclui alguma coisa que tem haver com religião mais ainda.

**9. O que você achou da redação do ENEM 2016, já que falou sobre religião?**

R: Achei que é um assunto que está muito em pauta, né? Porque o pessoal anda muito intolerante não respeita a religião dos outros, mas eu acho que a igreja ajuda muito nisso porque prega o amor e o respeito. E eu coloquei isso na minha redação.

**10. Você não colocou de forma explícita a defesa de sua religião na sua redação do ENEM, por quê?**

R: Eu tentei ser mais imparcial, para não dizerem que estava defendendo uma religião.

**11. Para desenvolver a redação do ENEM os textos motivadores foram suficientes?**

R: Os textos motivadores servem para ter uma ideia do que vai escrever. O que você colocar lá você tem que ter uma bagagem já. E nisso a religião ajuda, porque muita gente fala de respeito, mas a religião que eu sirvo ainda fala muito mais, porque prega o respeito, o amor e a igualdade.

**12. Sua atuação religiosa ajudou na redação? Justifique.**

R: Minha religião contribuiu porque muito se fala em respeito, mas a religião que eu sigo fala muito mais, por que é o que pregamos o respeito aos outros... o amor. Sempre que é oportuno procuro colocar isso nas redações.

**13. Uma vez que você julga que sua religião contribuiu para a elaboração de sua redação, em que aspecto você acha que sua religião mais te influenciou ou ajudou?**

R: Ajudou muito porque... (pausa) se eu fosse outra religião poderia ter tomado partido ou defendido outras coisas.

**14. Explique mais.**

S: Minha religião ajudou porque, eu não sei, se eu fosse de outra religião poderia ter criticado os religiosos.

**15. Você estudou intertextualidade na escola? Ou você traz isso da igreja ou de outro ambiente?**

R: Nos dois ambientes eu vi intertextualidade. Na escola, intertextualidade eu só vejo nas aulas de gramática, na igreja eu vejo em todo culto.

**16. Em seu livro de atividades na disciplina de Literatura exatamente na página 52, você responde uma questão que te indaga sobre a ironia presente na relação do**

**romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, publicado em 1881 com a bíblia. Logo abaixo você respondeu: “Em forma de comparação de seu livro com o pentateuco de Moisés com o livro de Machado de Assis. A forma como foram escritos”. Em que condições esta resposta foi dada?**

R: Eu respondi com base no que eu sabia.

**17. Sua professora te ajudou?**

R: Não.

**18. Você consultou a bíblia ou pesquisou em algum site...**

R: Não, eu tava na escola quando respondi. Isso eu sei por que eu leio a bíblia né?